

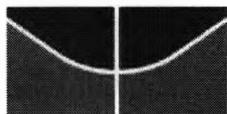
Universidade de Brasília
Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
Departamento de Ciência da Informação e Documentação – CID

BIBLIOTECAS E LIVROS DESTRUÍDOS DURANTE AS GUERRAS E REVOLUÇÕES DO SÉCULO XX

Fernando Silva
Tanívia Pinheiro Timbó

Orientador: Sebastião de Souza

Brasília – DF
Janeiro – 2005



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
Departamento de Ciência da Informação e Documentação – CID

BIBLIOTECAS E LIVROS DESTRUÍDOS DURANTE AS GUERRAS E REVOLUÇÕES DO SÉCULO XX

Fernando Silva
Tanívia Pinheiro Timbó

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Ciência
da Informação e Documentação da
Universidade de Brasília como requisito
parcial para obtenção do grau de Bacharel
em Biblioteconomia

Orientador: Sebastião de Souza

Brasília – DF
Janeiro – 2005



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
Departamento de Ciência da Informação e Documentação
70910-900 - BRASÍLIA-DF

Monografia apresentada ao Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, ____ de janeiro de 2005

Aprovada por:

Sebastião de Souza – Orientador

Professor do Departamento de Ciência da Informação e Documentação -UnB
Mestre em Biblioteconomia - UnB

Odilon Pereira da Silva - Membro

Professor do Departamento de Ciência da Informação e Documentação -UnB
Mestre em Biblioteconomia - UnB

Clarimar Almeida Valle - Membro

Bibliotecária

Fernando Modesto Vieira - Membro

Bibliotecário

DEDICATÓRIA

Fernando: Dedico este trabalho à memória de minhas duas mães: Isolda Maria da Silva e Luzia Maria de Jesus

Tanívia: Dedico este trabalho à minha família e todos bibliotecários que chegaram ao ponto de dar sua própria vida pelo amor aos livros

AGRADECIMENTOS

Às nossas famílias e amigos, pelo apoio;
Ao professor Sebastião, pela orientação;
À Biblioteca Nacional da Polônia, pelos artigos enviados;
À Judite Martins, pela ajuda com as traduções;
À Fernanda Oliveto, pela revisão do texto;
Ao Google e às modernas técnicas de recuperação da informação, essenciais para a conclusão deste trabalho.

“Onde se queimam livros, cedo ou tarde queimam-se pessoas”
Heinrich Heine

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. JUSTIFICATIVA	9
3. OBJETIVOS	10
3.1 Objetivo geral.....	10
3.2 Objetivos específicos.....	10
4. METODOLOGIA.....	11
5. LOUVAIN	12
6. OS NAZISTAS E OS LIVROS.....	18
6.1 A antiga e a nova tendência das bibliotecas alemãs.....	20
6.2 A queima de livros	22
7. POLÔNIA	27
8. BÓSNIA.....	36
9. KOSOVO.....	44
10. CHINA	53
11. JAPÃO.....	60
12. IRAQUE.....	65
13. CONCLUSÃO.....	69
14. BIBLIOGRAFIA.....	71
15. ANEXO A - PRINCÍPIOS PARA A COMPILAÇÃO DE LISTAS NEGRAS	80
16. ANEXO B – DISCURSO DE JOSEPH GOEBBELS	81
17. ANEXO C – PRINCÍPIOS PARA A LIMPEZA DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS	83
18. ANEXO D - DOZE TESES CONTRA O ESPÍRITO NÃO ALEMÃO	86
19. ANEXO E – ÍNDICE DE BIBLIOTECAS DESTRUÍDAS NO SÉCULO XX	87

1. INTRODUÇÃO

A destruição de obras bibliográficas é tão antiga quanto o próprio surgimento do livro. Desde a biblioteca de Alexandria são inúmeros os casos de depredação de obras de grande valor cultural para a humanidade.

Guerras, perseguições religiosas, políticas, racismo e outras ideologias levadas ao extremo foram as principais causas desses acontecimentos. Como exemplo, a Santa Inquisição, responsável pela destruição de milhares de obras da antigüidade greco-romana ou, ainda, pelo seu confinamento em mosteiros com o intuito de repelir os maus hábitos e garantir a supremacia da Igreja.

A própria biblioteca de Alexandria fora vítima de depredação por parte de vários povos. Sua história ilustra a intolerância da humanidade. O primeiro grande golpe deu-se por intermédio do cônsul Júlio César e o exército romano no ano 47 a. C. Livros como os de autoria do sacerdote babilônico Bérose – que, segundo acreditam, tivera contatos com seres de outros planetas – foram pilhados e queimados nesta época, assim como boa parcela do acervo.

Para compensar, em 41 a. C. o cônsul romano Marco Antônio doou 200.000 pergaminhos à biblioteca, gesto em parte deplorável devido ao fato de que as obras foram adquiridas por meio de saque da Biblioteca de Pérgamo.

Embora fossem sucessivas as perdas de Alexandria, a derrocada veio com os árabes em 646 da era cristã. Eles já haviam destruído no próprio Islã, assim como na Pérsia, grande número de livros secretos de magia, de alquimia e de astrologia. A palavra de ordem dos conquistadores era "não há necessidade de outros livros, senão o Livro", isto é, o Alcorão. Assim, visava à censura não propriamente aos livros malditos, mas a todos os livros.

Outras manifestações de intolerância cultural foram vistas até o começo do século XX com a publicação da lista de livros condenados pela Igreja. Dentre eles, livros iluministas, obras de Lavoisier e outras obras consideradas apócrifas.

Um fato interessante diz respeito às obras apócrifas. Em 367 d.C., por ordem do Bispo Atanásio de Alexandria, foram destruídos inúmeros documentos com tendências heréticas. O bispo seguia uma resolução do Concílio de Nicéia, realizado em 325 d.C. Essa ordem referia-se em especial à destruição dos textos gnósticos (hoje também conhecidos como apócrifos). Sabendo, porém, da importância desses papiros originais do princípio do Cristianismo, monges estabelecidos à margem do rio Nilo optaram por não destruí-los. Esses monges guardaram os códices de papiro dentro de urnas de argila e as enterraram na base de um penhasco chamado Djebel El-Tarif, sendo descobertos por vilões que lá habitavam, e revendidos como peças de menor valor para colecionadores, até, enfim, chegarem a um museu.

Na China e no Japão existe a perseguição de obras produzidas por clãs rivais e estrangeiras. No caso das dinastias japonesas, por exemplo, quando uma família encontrava em posição privilegiada, desfrutando da proteção do imperador, os inimigos e opositores eram severamente perseguidos, e destruía-se tudo relacionado à história e à tradição do clã inimigo. Ou, ainda, no que dizia respeito às pessoas que negociavam com inimigos do Estado, como no caso chinês, em que muitas famílias burguesas tiveram seu patrimônio cultural destruído com a ascensão dos comunistas ao governo.

Havia o xenofobismo e aversão aos costumes ocidentais, os quais poderiam acabar não só com a hegemonia do Estado, como também com a cultura local, energicamente repreendida. Assim ocorreu com as obras que faziam menção aos

nacionalistas e comunistas produzidas durante o domínio da Dinastia Mandchou na China, como o Livro Vermelho do Comunismo, dentre outras.

Muitos dos episódios ocorridos no século XX são reflexos de feridas abertas e não cicatrizadas na Idade Média e Moderna. A censura e o banimento de livros que retratam as opressões sofridas pelos povos africanos – sejam em ditaduras assumidas ou em repúblicas fracas – tiveram seu berço na colonização e na repartição dessas colônias entre as grandes potências europeias na época do imperialismo e nas disputas de mercados (Inglaterra, França e Portugal) e posteriormente, com a descolonização e a falta de estrutura para implantação de um governo democrático.

Muitas tribos rivais foram postas em um mesmo estado por conveniência do colonizador, sem levar em consideração as diferenças culturais, e tinham seus atritos controlados pela forte repressão da metrópole dominante. Quando ocorreu a descolonização, esses atritos tomaram proporções imensuráveis de tal forma que além das crises econômico-financeiras, também havia a eclosão de uma guerra civil pelo controle do poder.

O século XX ficou conhecido por suas guerras e revoluções. O conflito de ideologias e a intolerância para com a liberdade de expressão causaram a destruição de inúmeras bibliotecas. Neste trabalho pretende-se analisar alguns desses casos, que ocorreram ao longo do século.

2. JUSTIFICATIVA

O estudo da história de bibliotecas e livros destruídos pelas guerras ou mesmo pela intolerância alimentada durante revoluções faz-se importante para que se tenha o conhecimento do preciosíssimo patrimônio bibliográfico perdido pela insensatez dos conflitos, os quais, além de acabarem com a liberdade de expressão nas nações atingidas, ainda destroem a identidade cultural dos povos, danificando sua memória, e provocando perdas irreparáveis.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- Mostrar alguns dos casos de destruição de livros durante guerras e revoluções do século XX.

3.2 Objetivos específicos

- Detalhar fatos da destruição das seguintes bibliotecas: Biblioteca de Louvain; Biblioteca Nacional de Sarajevo e outras bibliotecas da Bósnia; Bibliotecas da província de Kosovo; Bibliotecas polonesas; Bibliotecas do Iraque e Oriente Médio; Bibliotecas japonesas.
- Levantar dados a respeito da ascensão do nazismo na Alemanha e seu efeito sobre as bibliotecas alemãs.
- Mostrar fatos acerca da Revolução Cultural Chinesa e sua influência sobre o patrimônio bibliográfico chinês.
- Apresentar possíveis causas para a destruição dos livros e bibliotecas.

4. METODOLOGIA

O método utilizado foi o de análise histórico-descritiva, por meio do levantamento de fatos históricos para o reconhecimento de dados pertinentes aos acontecimentos descritos. Foram consultados livros, artigos de periódicos especializados, assim como documentação estatística sobre o assunto. Ainda, foi procurado o contato com algumas bibliotecas que tiveram parte de seu acervo destruído e funcionam hoje normalmente.

5. LOUVAIN

A cidade de Louvain era na Idade Média o maior centro de produção de livros da Bélgica. Isso se dava graças à Universidade de Louvain, que atraiu diversos estudantes da França, Alemanha e Países Baixos, tornando-se um dos maiores centros educacionais da Europa. O impressor belga Jean de Westphalie confeccionou cerca de seis livros por ano, no período de 1474 a 1496. O renome de Louvain como uma cidade de livros tornou-se famoso e diversos intelectuais passaram a residir ali, entre eles Erasmo, que morou na região entre 1517 e 1521, ajudando a fundar a Escola das Três Línguas, que oferecia formação em latim, grego e hebraico.

Nessa mesma época a biblioteca começou a crescer e tornou-se uma das mais importantes bibliotecas da Europa medieval.

A biblioteca de Louvain guardou seus preciosos tesouros medievais e antes da Primeira Guerra Mundial, ainda faziam parte de sua coleção 350 incunábulos, diversas edições das primeiras bíblias impressas, escritos jesuítas, documentos sobre a reforma religiosa nos países baixos, informativos sobre a Guerra dos Trinta Anos e da invasão da Bélgica por Luis XV, entre outras preciosidades.

Quando os alemães invadiram a cidade, em 25 de agosto de 1914, vários civis atiraram contra as tropas inimigas. A resposta alemã foi imediata: uma série de represálias foi iniciada por parte dos invasores, com ataques a vilarejos a leste de Louvain. Para conter os ataques, os alemães também fizeram diversos reféns, entre eles o prefeito e dois importantes cidadãos.

“Ninguém sabe ao certo o que aconteceu em seguida. Na manhã de 24 de agosto, segundo o Times, o filho de um dos reféns, um garoto de 15 ou 16 anos de idade, estava falando ao comandante alemão. De repente, o garoto sacou um revólver e atirou, matando o comandante. O tiro era um sinal para os guerrilheiros que espreitavam. No mesmo instante, um tiroteio irrompeu dos telhados e janelas em torno da praça. Testemunhas belgas contaram outra história: as tropas alemãs, numa retirada desordenada, teriam atirado nos próprios companheiros, matando vários deles, conforme relatos vindos de Londres e publicados no Times. “ (BATTLES, 2003)

Não importa o que tenha acontecido, após o ataque os alemães decidiram transformar Louvain em um exemplo. Primeiro, mataram todos os reféns. Depois, forçaram os moradores a sair de suas casas e incendiaram toda a cidade. A belíssima arquitetura da região, a Universidade e a sua eminente biblioteca, foram completamente destruídas. “A cidade, que possuía 45 mil habitantes e era a metrópole cultural dos Países Baixos, agora não passa de um monte de cinzas”, afirmava a reportagem do Times.

O governo alemão classificou o incêndio de Louvain como uma necessidade militar. Segundo os alemães, “a atitude bárbara da população belga em todos os lugares sob ocupação de nossas tropas não só justificou nossas mais severas atitudes, como também nos forçou a tomá-las tendo em vista nossa autopreservação”.

Mas por todo o mundo as reações eram de revolta e indignação o Daily Chronicle de Londres classificou o ato como “uma afronta à civilização”.

Uma testemunha declarou que até mesmo no campo podiam-se encontrar folhas de livros e manuscritos flutuando no céu, chamuscadas, ao sabor do vento.

Um professor da Universidade conseguiu salvar um raro manuscrito da biblioteca: ele retirou-o para consulta e após a invasão alemã, enterrou-o num pequeno cofre de ferro. Mas, no entanto, esse livro nunca foi redescoberto, “É possível que o último livro da antiga Biblioteca de Louvain ainda repouse em seu pequeno esquite de metal, uma biblioteca oculta com um único livro em seu acervo.” (BATTLES, 2003)

As perdas da biblioteca totalizaram 230.000 volumes, incluídos os incunábulos e mais de 900 manuscritos.

Logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, um comitê de norte-americanos decidiu reconstruir a biblioteca. O Arquiteto Whitney Warren foi contratado para a reconstrução do prédio. O Cardeal Mercier, que administrava a cidade de Louvain, formulara uma inscrição que devia ser posta na balaustrada. A inscrição continha os dizeres: “Furore Teutonico Diruta / Dono Americano Restituta (destruída pelo ódio alemão / reconstruída com a generosidade norte-americana). Mas o Cardeal morreu antes da inauguração do prédio e o reitor da Universidade não achou a inscrição apropriada, já que a Universidade abrigava vários estudantes alemães.

No entanto, o espírito do Cardeal Mercier já afetara também Whitney Warren. Seus projetos para a decoração da biblioteca incluíam imagens de sua destruição, bustos de diversos heróis da guerra, entre outras reminiscências do que acontecera durante a Primeira Guerra.

O reitor da Universidade não concordava com os planos de Warren e passou a fazer pressão para que eles não se concretizassem. No fim, o prédio acabou

seguindo o desenho feito por Warren, mas sem as insultas e elementos extravagantes propostos por ele. O novo prédio da Biblioteca de Louvain era uma majestosa construção, com enorme torre com o sino da biblioteca, “que dominaria todos os campos ao redor” conforme dizia o panfleto de inauguração da biblioteca.

Em 16 de maio de 1940, os alemães invadiram novamente a Bélgica. Quando as tropas nazistas chegaram à cidade de Louvain, a primeira coisa que viram foi a majestosa torre da biblioteca. Mais uma vez a cidade e seus habitantes viam-se ameaçados com a invasão alemã.

Mas agora a situação era mais delicada, já que Louvain abrigava uma guarnição britânica que se preparava para a retirada de Dunquerque pelo Canal da Mancha, o que a transformava em um alvo militar.

No mesmo dia da chegada das tropas alemãs, a biblioteca foi novamente bombardeada. A artilharia alemã abriu fogo contra a torre da construção, que outrora “dominava os campos ao redor”.

“Arrebentando o telhado, as bombas puseram fogo nos livros do sótão, que queimaram a ponto de derreter o pavimento de vidro da galeria principal. Escorrendo pelas tabulações o vidro fundido espalhou fogo pela seção de manuscritos e livros raros que ficavam no subsolo. Mais tarde, esse vidro solidificou-se formando estalactites que cintilavam em meio as estantes destruídas”. (BATTLES, 2003)

Todos os prédios vizinhos à biblioteca permaneceram intactos. Isso significa que os alemães a escolheram como alvo específico.

Após o ataque, os alemães tentaram culpar os ingleses pela destruição da biblioteca. Algumas testemunhas diziam ter visto as primeiras chamas no dia anterior

à retirada britânica, o que significava que o incêndio havia sido provocado por eles. Oficiais alemães induziram Van Weybergh e o bibliotecário Etienne van Cauwerbergh a afirmar que manchas encontradas nas portas indicavam a presença de combustíveis, que teriam sido usados pelos ingleses para atear fogo à biblioteca.

Mas tais tentativas alemãs de culpar os ingleses pela destruição da biblioteca não tinham fundamento. Estava claro a todos que mais uma vez os alemães escolheram a biblioteca como alvo de seus ataques em Louvain. Mas o motivo real da segunda destruição é incerto. Talvez os alemães temiam que as altas torres da biblioteca fossem usadas por vigias ou franco atiradores belgas. O reitor da Universidade revelou, em relatório publicado após o fim da guerra, que antes da invasão alemã, o porteiro da biblioteca havia realmente encontrado dois soldados belgas na torre, o que pode ter provocado o ataque alemão. Mas os alemães nunca confirmaram essa hipótese.

Outra conclusão a respeito do ataque é levantada por Emile van Kemmelbeke, que morava nos arredores de Louvain e tivera sua casa requisitada pelos alemães como posto avançado. Ele disse o seguinte:

“Eles possuíam um veículo, do qual regulavam o fogo da artilharia. Esse veículo tinha sido posto em meu jardim, e eu não tinha permissão para chegar perto dele. Mais tarde, convidaram-me para dividir a mesa com eles. Durante a refeição, um oficial alemão me disse que a inscrição Furore Teutonico ainda estava na biblioteca. Eu disse que não era verdade, mas os oficiais alemães insistiram no contrário”.

Ao que parece, a Biblioteca de Louvain fora um monumento da vitória belga e, respectivamente, da derrota alemã. Além de a biblioteca ter sido reconstruída,

também suas coleções foram renovadas. E uma boa parte dela foi renovada com livros confiscados pela Alemanha após a Primeira Guerra Mundial.

No entanto, os oficiais que conversaram com Emile van Kemmelbeke não citaram nada sobre os livros roubados da Alemanha. “Dentre os inúmeros exemplares únicos de textos guardados na Biblioteca de Louvain, havia um só que eles realmente não podiam suportar: uma única linha de acusação gravada na pedra”. (BATTLES, 2003)

6. OS NAZISTAS E OS LIVROS

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, inicia-se na Alemanha a República de Weimar, que tem como sistema de governo o modelo parlamentarista democrático. O presidente da República nomeava um chanceler, que seria responsável pelo poder Executivo. Quanto ao poder Legislativo, era constituído por um parlamento (Reichstag).

O governo republicano enfrentava uma série de problemas sociais e econômicos. No período entre guerras, a Alemanha sofria com o desemprego e a alta taxa de inflação. O Tratado de Versalhes obrigava a Alemanha a sofrer uma série de obrigações duras e cruéis.

Insatisfeitos com o regime capitalista e incentivados pela Revolução Russa, vários setores do operariado alemão reúnem-se contra a exploração capitalista. A burguesia alemã, temendo o crescimento do movimento socialista, passa a apoiar um pequeno partido, liderado por Adolf Hitler.

Adolf Hitler nasceu em Braunau, na Áustria. Residiu em Viena, de 1909 a 1913, antes de mudar-se para Munique.

Em 1914, alistou-se como voluntário no Exército Alemão. Lutando na Primeira Guerra, foi condecorado com a Cruz de Ferro, medalha de mérito militar dada aos combatentes pelo Exército Alemão.

Após a guerra, de volta a Munique, Hitler filia-se ao Partido dos Trabalhadores Alemães, que mais tarde passaria a se chamar Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, que ele lideraria até a sua dissolução. O Partido possui como iniciais a sigla NAZI, de onde vem o termo nazismo.

Após uma tentativa fracassada de rebelião contra o governo, Hitler é preso. Nesse período em que passou na prisão, escreveu Mein Kampf (Minha Luta).

Após sua saída da prisão, Hitler dedica-se novamente ao crescimento do Partido. Graças ao seu domínio da oratória associada à crise do sistema capitalista na Alemanha e à vitória nazista no parlamento, consegue influenciar a opinião pública. Pressionado pela burguesia, o presidente Paul Von Hindenburg nomeia Adolf Hitler chanceler em 30 de janeiro de 1933.

O governo nazista era caracterizado pela violência e pela repressão. A primeira lei censória do governo nazista era chamada “Lei pela proteção do Povo Alemão”, e foi decretada já em 14 de fevereiro de 1933. Essa lei restringia a liberdade de imprensa e confiscava tudo aquilo que fosse perigoso ao Estado.

Em 27 de fevereiro, os nazistas incendiaram a sede do parlamento alemão e atribuíram a culpa ao comunista alemão Marinus Van Der Lubbe.

Em 23 de março de 1933, é criado um ato que dá poderes a Hitler para decretar leis sem a sanção do parlamento. Hitler então cria o boicote aos judeus e duas novas leis: a lei pela restauração do serviço profissional civil, que dá ao Estado o poder de demitir todos os indesejáveis dos serviços civis (essa lei prejudicou principalmente bibliotecários e professores universitários); e a lei de Interesse dos governos do Estado, reduzindo o poder dos estados alemães em suas jurisdições.

O nazismo era caracterizado por uma propaganda política bem elaborada e manipuladora. Graças ao ministro da propaganda do Reich, Joseph Goebbels, o nazismo criou campanhas grandiosas que inflamaram toda a nação. Goebbels costumava dizer que “uma mentira dita cem vezes torna-se verdade”. Graças a seus discursos inflamados e à propaganda por ele conduzida, o nazismo transformou-se

em algo quase mítico para o povo alemão, algo a que eles deviam se subordinar e prestar total obediência

Em 1935, o documentário “Triumph des Willens” (O Triunfo da Vontade), que mostrava o congresso Nacional-Socialista alemão de 1934, consagrara a diretora Leni Riefenstahl. Uma superprodução, com efeitos grandiosos, é considerado, até hoje, uma obra prima do cinema do ponto de vista formal.

Em 1934, morre o presidente Hindenburg. Hitler passa então a ter total controle do país e aos poucos foi transformando a Alemanha, com seu regime opressor e sua absurda tentativa de limpeza étnica.

6.1 A antiga e a nova tendência das bibliotecas alemãs

Segundo a historiadora Margaret Stieg, as bibliotecas alemãs do período pré Segunda Guerra Mundial estavam divididas em duas escolas antagônicas, conhecidas como Alte Richtung (Antiga Tendência) e Neue Richtung (Nova Tendência). “Os bibliotecários adeptos da antiga tendência enfatizavam a Bildung, que era a formação intelectual e espiritual de um indivíduo, como o principal objetivo de uma biblioteca na sociedade (BATTLES, 2003). A Neue Richtung pregava que o conhecimento adquirido pelo indivíduo através da biblioteca devia estar sempre subordinado ao “espírito do povo”, e tudo aquilo que contrariava o povo deveria ser desprezado.

Após a chegada dos nazistas ao poder apenas a nova tendência prevalecia nas bibliotecas alemãs. Os bibliotecários alemães tentaram remodelar as instituições, disponibilizando apenas aquilo que fosse útil para a constituição do

espírito do povo. Tal como definida pelo Reich, a missão da biblioteca seria manter sob controle as energias perigosas, burguesas, estéreis e dispersantes da leitura, ajudando o povo a encontrar informações úteis sem degradar com isso o seu espírito.

Os bibliotecários alemães tentaram de todas as formas acabar com a desconfiança dos nazistas com relação aos livros e as bibliotecas. Durante a Semana do Livro de 1935, o slogan “Livro – uma espada do espírito” foi adotado. Em 1936, o pôster da Semana do livro continha uma citação de Hitler: “Além da arquitetura e de uma visita esporádica a um teatro lírico, eram os livros meus únicos amigos. Nessa época, eu li de maneira incansável aquilo que é fundamental. Em poucos anos, construí a base de conhecimentos de que me valho até hoje”.

Além de tentar acabar com a suspeita dos nazistas com relação aos livros, os bibliotecários alemães auxiliaram na elaboração de listas de autores proibidos e eliminaram de suas bibliotecas tudo aquilo que não fosse necessário à formação do povo alemão.

“É triste constatar que o nazismo foi uma época de ouro para os bibliotecários da Alemanha – ao menos para os capazes de associar credenciais étnicas apropriadas a uma afinidade com as perniciosas preferências culturais nazistas” (BATTLES, 2003)

Segundo Stieg: “o que fez com que essa profissão diminuta, insignificante, se tornasse digna de atenção, foi o fato de os bibliotecários terem a incumbência de gerenciar os acervos. Eram eles que adquiriam, organizavam e disseminavam livros e outros materiais de leitura. A insistência nazista em determinar aquilo que o povo deveria e, acima de tudo, não deveria ler, fez com que os bibliotecários passassem a ocupar o centro das organizações governamentais.”

“No final das contas, a troca que os bibliotecários propuseram ao nazismo foi faustiana: sobreviveram apenas na medida em que conseguiram assegurar ao Reich sua benevolência e marginalidade” (BATTLES, 2003)

6.2 A queima de livros

Em março de 1933, os bibliotecários e simpatizantes do nazismo Wolfgang Hermann e Wilhelm Schuster publicavam o primeiro de seus artigos atacando a literatura não-alemã. Intitulado "Erklärung und Aufruf" (Esclarecimento e Pedido), esse artigo foi publicado em jornais de biblioteconomia especializados e condenavam principalmente a literatura judaica. Posteriormente, Wolfgang Hermann publicou listas periódicas de livros proibidos, denominadas "listas negras", que continham em sua maioria obras de autores judeus ou de ideologia contrária ao nazismo, assim como artigos contendo instruções para que os bibliotecários elaborassem tais listas (ver anexo A).

Influenciados por essas listas, estudantes nazistas alemães filiados à NS Studentem, elaboraram em 08 de abril de 1933 um memorando propondo a destruição da literatura "não-alemã" contida nas bibliotecas.

Em 13 de abril A Deutsche Studenschaft (Associação de Estudantes Alemães) começa a guerra cultural, colando pôsteres com os dizeres Wider den Undeutscher Geist (Contra o Espírito não-alemão) por toda a Alemanha.

Em 5 de maio estudantes universitários queimam livros de autores judeus na Universidade de Cologne. Essa queima seria uma prévia do que aconteceria nos dias seguintes.

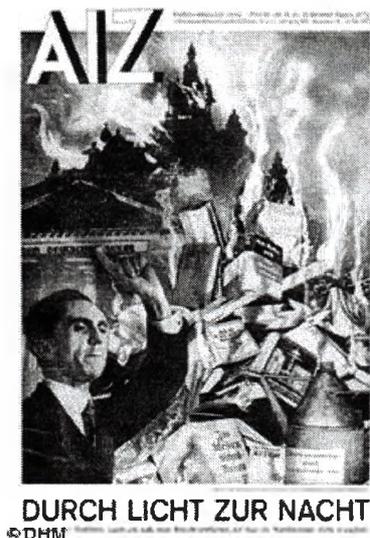


Figura 1 - Cartaz anunciando a queima de livros de 10 de maio de 1933.

Em 10 de maio de 1933 estudantes alemães, especialmente jovens filiados a NS-Studentem, decidiram fazer a Säuberung, a depuração da cultura.

Incentivados por Joseph Goebbels, o ato foi realizado em várias partes do país, quando jovens fanáticos e cegos pelo regime decidem invadir bibliotecas e livrarias, recolhendo tudo aquilo que consideravam Undeutscher, “não-alemão”.

Mas dessa vez os estudantes não se limitaram a queimar aquilo que estava contido nas listas de Wolfgang Hermann. Eles decidiram por si mesmos o que devia ser destruído.

“Os atos eram quase simbólicos. Numa queima de livros em Frankfurt, os estudantes alugaram carroças de esterco puxadas por bois para levar os livros até a fogueira”. (HILL, 2003)

“Os estudantes que montavam as fogueiras foram pioneiros da estética do teatro-coisa de inspiração nazista patrocinados pelo governo, que faziam parte das tentativas de Goebbels de substituir os dramas modernos por rituais dignos do povo”. (BATTLES, 2003). Segundo Lochner “[...] os estudantes apresentavam danças indianas e recitavam fórmulas mágicas enquanto as chamas subiam em direção aos céus”. Essas fórmulas, chamadas Feuersprüche (provérbios do fogo), continham o porquê de determinado livro estar sendo queimado. Uma de suas versões dizia o seguinte:



Figura 2 - Membro da NS Studenschaft lançando livros à fogueira

1. Contra a pregação da luta de classes e contra o materialismo (as obras de Marx e Kautsky);

2. Contra a decadência e a decomposição moral (Heinrich Mann, Ernst Glaeser, E. Kästner);

3. Contra a mentalidade preguiçosa e a traição política (F.Wilhelm Förster);

4. Contra as angústias morais e a avaliação exagerada dos instintos (S. Freud);

5. Contra a falsificação da história e o desrespeito ao passado (E. Ludwig e W. Hegemann);

6. Contra a confraternização com a praga do jornalismo democrático-judeu.(Obras de Theodor Wolff, Georg Bernhard);

7. Contra a traição literária cometida contra o soldados na Guerra Mundial (Erich Maria Remarque);

8. Contra o obscurecimento e a estropiamento do idioma alemão (Alfred Kerr);

9. Contra o atrevimento e a usurpação (Kurt Tucholsky e Ossietzsky).

Foi em Berlim, a capital, que ocorreu a maior destruição. Foi a Bücherverbrennung, a grande queima de livros.



Figura 3 - Organizadores da grande queima de livros coletando material proibido

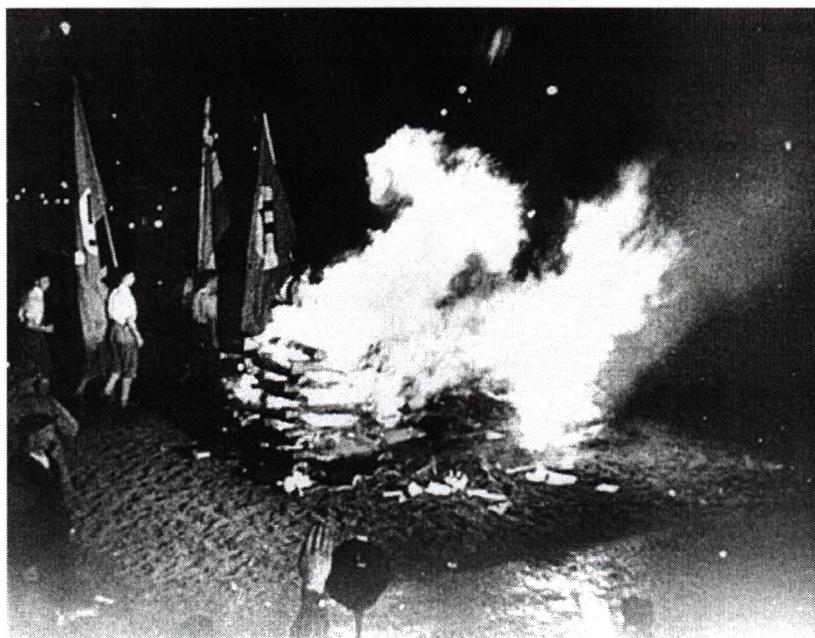


Figura 4 - Queima de livros na Opernplatz, em Berlim.

Os jovens reuniram cerca de 25.000 volumes de autores judeus e obras consideradas subversivas ao regime nazista e as queimaram na praça Franz Josef, entre a Opernplatz e a Universidade de Berlim. A queima foi assistida por 40,000 pessoas, que assistiram com deleite a um dos maiores crimes “bibliográficos” que a humanidade já assistiu.



Figura 5 - Goebbels em seu discurso aprovando o ato de 10 de maio

Embora não tenha sido Goebbels quem organizou a queima de livros, ao saber do fato ele “apressou-se em canalizar a energia disso em nome do Reich” (BATTLES, 2003). Ele foi até a Opernplatz e discursou energicamente a favor do ato, arrancando aplausos e heils da multidão (ver anexo B).

São inúmeros os autores cujos livros foram queimados no grande “bibliocausto” de 10 de maio. Entre os mais importantes estão nomes como Sholom Asch, Lion Feuchtwanger, Maximo Gorki, Stefan Zweig, Karl Marx, Sigmund Freud, Helen Kellerm Jack London, Ernest Hemingway, John dos Passos, Jakob Wasserman, Emil Ludwig, Arthur Schnitzler, Leon Trotsky, Nikolai Lenin, Josef Stalin, Gregory S. Zinoviev, Alfred Adler, Theodore Lessing, Franz Werfel, Hugo Munsterberg, Thomas Mann, Heinrich Mann, Erich Maria Remarque, Albert Einstein, Heinrich Heine, Felix Mendelssohn, Maximilian Harden, Kurt Eisner, Henri Barbusse, Rosa Luxemburg, Upton Sinclair, Judge Bem Lindsay, Arnold Zweig (ver anexo C).

7. POLÔNIA

A nação que mais sofreu com a Segunda Guerra Mundial foi sem sombra de dúvidas a Polônia. Em 1 de setembro de 1939, Adolf Hitler invade o país, o que seria o início da Segunda Guerra Mundial, o conflito armado mais sangrento da história. O objetivo de Hitler era conquistar o território polonês e anexá-lo à Alemanha, para posteriormente aniquilar todo o povo (particularmente os judeus), a cultura e a arte polonesa.

Depois das forças polonesas serem derrotadas, os alemães organizaram-se para administrar os novos territórios. O centro administrativo seria Cracow, antiga capital polonesa. O Reichsrechtsführer (líder da justiça do Reich) Hans Frank, foi nomeado governador geral da Polônia por Hitler. Frank fixou sua residência no castelo um dia ocupado pelos monarcas que governavam a Polônia. Esse foi um ato simbólico, já que dali se construiria o novo reino de Hitler. Frank também mudou o nome do castelo, que passara a se chamar Wawel.

Aos poucos os cidadãos poloneses eram privados de seus direitos. O acesso à cultura e educação eram agora limitados. O sanguinário líder da Gestapo, Heinrich Himmler, em maio de 1940, disse o seguinte: “para a população não alemã do Leste Europeu, não deverá existir educação além da 4ª série do primário”.

O processo de destruição não poupou as bibliotecas do país. Desde o início da guerra até seu final, as perdas foram imensas. Abaixo, tem-se um gráfico demonstrando as perdas bibliográficas de vários países durante a Segunda Guerra Mundial. A Polônia, com mais de 15 milhões de livros destruídos, foi a nação que mais sofreu com o “Bibliocausto”.

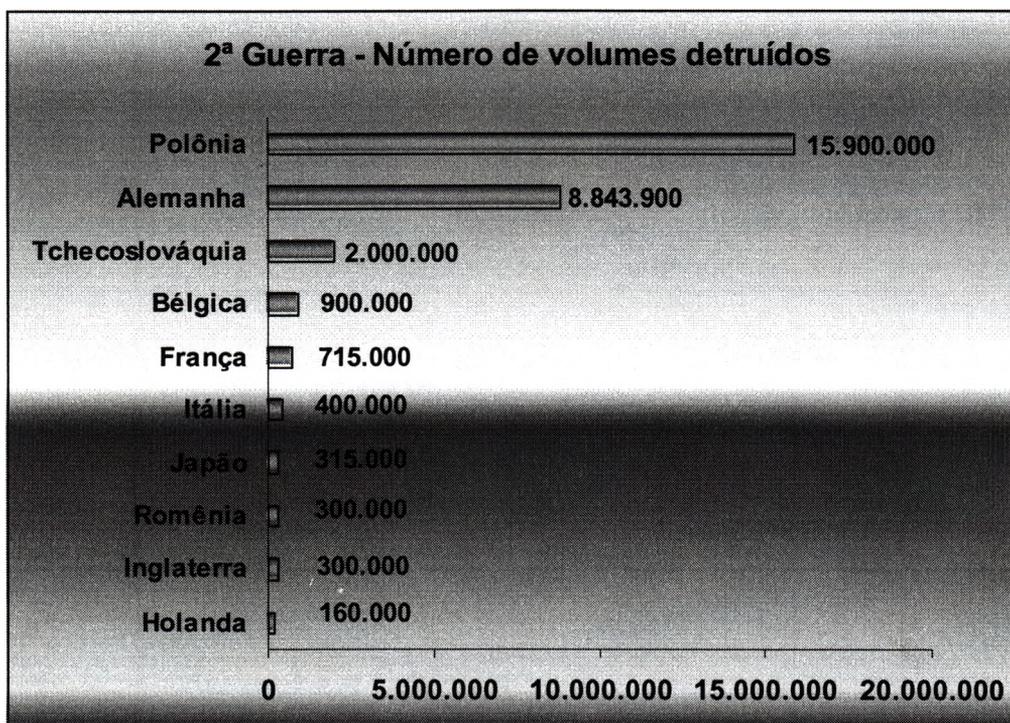


Figura 6 - Gráfico com o número de volumes destruídos durante a Segunda Guerra Mundial

O Hauptabteilung Propaganda (Departamento de Propaganda), sob a inspeção de Hans Frank, compilou várias listas de livros proibidos, considerados hostis ou perigosos para a Alemanha. Essas listas continham 3,224 livros "indesejáveis". Todas as obras de mais de 66 autores, incluindo todos os autores judeus, foram banidas.

A Biblioteca Universitária de Cracow foi antes da invasão um dos mais importantes centros de informação da Polônia. Sua coleção chegava a 600.000 volumes, incluindo diversos manuscritos e obras raras. A cidade não foi bombardeada, mas quando teve que se render para ser o centro do governo alemão. Em 6 de setembro de 1939, muitas pessoas acreditaram que os alemães reabririam a biblioteca e a universidade para o novo ano acadêmico. "Foi por isso que, quando o oficial da SS Bruno Mueller convidou professores e funcionários da Universidade da NSDAP (partido nazista), 183 deles desapareceram. E ao invés de assistirem à palestra, os presentes foram capturados pela SS e enviados para os

campos de concentração em Sachsenhausen e Dachau. Alguns deles foram libertados muitos meses após sua captura, mas 15 deles desapareceram.” (SROKA, 1999).

A biblioteca Universitária de Cracow era ocasionalmente visitada por representantes do governo alemão, que fiscalizavam periodicamente o que havia nas estantes, retirando tudo aquilo que fosse contrário ao espírito nazista. Os bibliotecários poloneses que trabalhavam na biblioteca foram demitidos. O único funcionário polonês que continuou foi Jan Pietras, um recolocador de livros. Ele falava alemão fluentemente, o que o aproximou dos nazistas, que freqüentemente o convocavam para que ele fiscalizasse as estantes em busca de livros proibidos.

Em abril de 1940, os alemães transformaram a Biblioteca Universitária de Cracow no Institut für Deutsche Ostarbeit, também conhecido como Ostinstitut. O governador geral Hans Frank nomeou seu amigo Wilhelm Coblitz como diretor.

“A criação do Ostinstitut era só outro passo, após a prisão dos professores, para um plano premeditado de Germanização e destruição da cultura e educação polonesas.” (SROKA, 1999)

A Biblioteca Universitária de Cracow foi remodelada para que ela fosse transformada em uma Staatsbibliotheken. Elas deveriam servir como futuros centros de pesquisa para Universidades alemãs. Em Cracow, a Staatsbibliotheken foi formada com a união do que restou das coleções da Jagiellonian Library e Bibliotecas da Academia de Minas e Metalurgia, Academia Polonesa de Ciências e Letras, Escola de Artes, etc. Também em outras cidades polonesas Staatsbibliotheken foram montadas, remodeladas de acordo com a nova ordem imposta pelos alemães.

Em Warsaw, a Staatsbibliotheken reunia os poucos livros sobreviventes aos ataques à Biblioteca Nacional, Biblioteca Universitária de Warsaw e Biblioteca de Krasinski. Em Lublin, foi formada com coleções da Biblioteca de Lopacinski, Universidade Católica de Lublin e Faculdade Jesuíta.

Os alemães também montaram em algumas cidades, como Poznan e Katowice, os Buchsammelstellen, onde obras confiscadas eram armazenadas de forma precária, o que muitas das vezes causava a destruição dos livros.

“O resultado disso não foi apenas a perda de milhões de volumes, mas também a ruína e desorganização das mais importantes bibliotecas, com a fragmentação e o risco sofrido pelas coleções expostas a toda peregrinação ocorrida em tempos de guerra. Muitas fontes, abandonadas como foram, deterioraram-se graças à falta de espaço, falta de cuidados, furtos e negligência. Esse foi um destino comum de todas as bibliotecas polonesas”. (BIENKOWSKA, 2001).

Os objetos mais preciosos foram dizimados também como resultado de um confisco e regulares saques. A única diferença era que através do confisco os livros eram oficialmente retirados pelas autoridades alemãs, enquanto os saques eram realizados deliberadamente, ou por forças das nações aliadas da Alemanha ou pelos próprios nazistas. O saque foi mais intenso durante o primeiro e o segundo ano de ocupação, mas durante todo o período de guerra aconteceu paralelamente às ações de confisco oficial de livros.

Unidades de administração nazistas foram designadas especialmente para a atividade de confisco de livros. A primeira, “Forschungsund Lehrgemeinschaft des Ahnenerbe”, era subordinada ao “Reich’s Main Security Office”, que era coordenado por Heinrich Himmler. Também o “Die Haupttreuhandstelle”, coordenado por Hermann Goring, era responsável pela fiscalização dos territórios incorporados ao

Reich e pelo confisco dos livros. Ainda foram criadas a Comissão para o confisco e segurança dos bens de arte e cultura (Komission des Sonderbeauftragten fur die Erfassung und Sicherstellung der Kunst und Kulturschatze), coordenada por Kajetan Mühlmann, subordinada ao “Escritório do Governo Geral”.

Essas Unidades eram incumbidas da sistemática seleção das coleções, confisco de obras proibidas e reorganização ou destruição de bibliotecas inteiras.

Esses confiscos, que causaram o desaparecimento de várias obras, aliados com a destruição de várias bibliotecas, causaram a aniquilação de grande parte da propriedade intelectual polonesa.

Dados formais sobre a quantidade de documentos destruídos só começaram a aparecer após o fim da guerra. Em 1945, o Ministério da Educação da Polônia publicava um relatório no qual apontava a quantidade aproximada de documentos perdidos durante a Segunda Guerra:

Tipos de bibliotecas	Número de documentos perdidos
Bibliotecas de ensino primário	4,000,000 de volumes
Bibliotecas de ensino secundário	2,000,000 de volumes
Bibliotecas de instituições vocacionais	400,000 de volumes
Bibliotecas públicas municipais	2,000,000 de volumes
Bibliotecas públicas comunitárias	4,000,000 de volumes
Centros de pesquisa	1,500,000 de volumes
Bibliotecas privadas	2,000,000 de volumes

Essas estatísticas referiam-se apenas a documentos tradicionais, cuja reposição seria possível mediante uma nova compra. A quantidade de obras raras, manuscritos, mapas, apareceu em outro documento elaborado pelo Ministério da Educação. A quantidade de documentos perdidos era igualmente assustadora:

Tipo de documento	Quantidade destruída
Obras raras	200,000 volumes
Manuscritos	75,000 volumes
Material cartográfico	25,000 volumes
Livros de arte	3,000 volumes
Coleções musicais	50,000 volumes
Total	353,000 volumes

Esses documentos retratavam apenas as perdas das bibliotecas localizadas na região central da Polônia, excluindo-se os territórios do Leste e Oeste do país. Além disso, os relatórios ofereciam apenas dados estimados. Está claro que a Guerra causou uma destruição muito maior do que as apontadas por esses relatórios.

Os relatórios sugeriam que o total de volumes existentes nas bibliotecas polonesas antes da Segunda Guerra totalizavam 21,000,000 de volumes. No entanto, esses relatórios, elaborados pelos bibliotecários J. Janiczek e J. Grycz, além de levar em conta apenas às bibliotecas localizadas na região central do país, ainda limitavam-se às bibliotecas escolares, públicas, religiosas e centros de pesquisa, excluindo-se todas as bibliotecas restantes. Se fossem considerados todos os tipos de bibliotecas em todas as regiões da Polônia pré-guerra, o número de documentos poderia chegar a 50 milhões de volumes.

No entanto, a quantidade correta de documentos produzidos na Polônia, no período que antecede a guerra, dificilmente será exatamente calculado, pois os catálogos e registros de documentos foram quase totalmente destruídos durante o conflito.

“A atitude dos invasores para com as bibliotecas era apenas uma parte de um grande plano para a degradação da cultura polonesa até que ela fosse totalmente aniquilada” (BIENKOWSKA, 2001)

Os nazistas que conheciam a história da Polônia sabiam também que os livros ocupavam um papel importante na cultura polonesa. Antes da independência polonesa, muitas atividades científicas, educacionais e culturais foram proibidas, mas o número de bibliotecas cresceu substancialmente, sejam elas públicas ou particulares. Após a independência, no curto período que durou de 1918 a 1939, esforços foram concentrados para o crescimento das coleções das novas instituições educacionais e culturais que surgiam.

“Eliminar os livros da sociedade polonesa visava um objetivo tanto político como ideológico”.

Os alemães tinham um plano por detrás dos saques das bibliotecas polonesas: muitos dos livros eram levados para a Alemanha, onde serviam para enriquecer as bibliotecas alemãs com obras polonesas e várias obras raras de alto valor no mercado.

Mas mesmo assim a ação dos alemães era deliberada. Muitas obras preciosas foram destruídas, não só através de bombardeios, mas também pela ação criminosa por parte dos invasores.

As maiores perdas bibliográficas da Polônia ocorreram principalmente durante a invasão alemã de setembro de 1939 e em 1944-1945, durante o cerco a Warsaw.

Em Warsaw, importantes bibliotecas foram destruídas ou seriamente danificadas, incluindo a Biblioteca Nacional que teve uma perda de cerca de 700,000 volumes, incluindo manuscritos e obras raras, a Biblioteca Jurídica de Przewdziecki,

a Biblioteca Central Militar, que perdeu cerca de 350,000 livros e bibliotecas da Sociedade Científica de Warsaw, da Universidade de Tecnologia e da Filarmônica Nacional.

Em Poznan, importantes bibliotecas, como a Biblioteca de Raczynski (que teve sua coleção e catálogos completamente destruídos pelos alemães), bibliotecas da Sociedade dos Amigos da Ciência de Poznan e a Biblioteca Universitária, foram atingidas.

Em Lublin, a Biblioteca do Seminário Teológico Judeu foi incendiada pelos nazistas. Os livros sobreviventes, cerca de 24.000, foram levados para a Alemanha. Porém, grande parte da coleção fora posteriormente destruída em Berlim.

Mas a destruição também afetou cidades menores. Bibliotecas nas cidades Siedlce, Oulawy, Wielun, Biala Podlaska, Lukow, Janow Lubelski, Skawina, Borek Szlachecki, Bedlno, Czermno, Grocholice e muitas outras cidades polonesas, tiveram seus acervos parcialmente ou totalmente destruídos pela guerra.

Todos os livros que os alemães não consideravam úteis para compor o acervo de bibliotecas alemãs ou que não tivessem valor comercial eram deliberadamente destruídos. Os livros que mais sofriam eram os das bibliotecas escolares e bibliotecas de Sinagogas.

A literatura popular era queimada e rasgada ou seu papel era usado para outros propósitos, tendo seu conteúdo desprezado, desviando-se completamente de seu real objetivo, que um dia fora o de formar intelectualmente um indivíduo.

Os alemães alegavam que as principais razões para a destruição dessas fontes eram que as mesmas eram hostis ao Reich e ao espírito alemão, além de que ocupavam um espaço que devia servir para outros propósitos, como servir como escritórios militares e administrativos dos nazistas na Polônia.

Nas ruas, as mochilas escolares de crianças eram revistadas e todos os livros escolares eram confiscados. Eles eram queimados em praça pública, numa atitude que demonstrava todo o repúdio dos nazistas para com a intelectualidade polonesa.

Mas a maior tragédia teve lugar em Warsaw. A maioria das coleções de bibliotecas públicas e privadas foi jogada às chamas pelo BrandKommando alemão.

Várias obras raras e coleções especiais de bibliotecas de Warsaw também sofreram com a ação dos alemães.

"50,000 manuscritos, 2,000 incunábulos, 100,000 obras raras com um grande número de exemplares únicos no mundo, a maior coleção cartográfica da Polônia, coleções gráficas, de teatro e musicais, foram reduzidos a chamas. Perdida entre esse material estava a valiosíssima coleção Zaluski, manuscritos e impressos da coleção de Rapperswill, uma grande coleção de manuscritos originais de trabalhos e correspondência de grandes autores poloneses, tesouros nacionais e documentos históricos da nação polonesa. Pode-se afirmar sem exageros, portanto, que isso foi o maior prejuízo, o mais terrível ataque que a educação e a cultura poderiam sofrer, um dano que jamais poderá ser reparado." (BIENKOWSKA, 2001).

Essa destruição, a separação das coleções, a queima de livros e o fechamento das bibliotecas polonesas, separaram os leitores dos livros, arruinaram a estrutura documentária e tornaram difícil o acesso aos livros que ainda restavam.

8. BÓSNIA

A guerra da Bósnia tem seu início em 1992 e é conseqüência dos mesmos problemas que sempre existiram: conflitos étnicos entre os diferentes povos que habitam a região. Após a Primeira Guerra Mundial foi criado o reino da Iugoslávia, um país independente que juntava três povos eslavos (sérvios, croatas e eslovenos,). Além dos três povos também habitavam a região, muçulmanos da Bósnia, albaneses, húngaros e macedônios.

"A intenção era pacificar uma região conturbada, dando autonomia a cada um dos três povos e ao mesmo tempo instituindo um poder central que solucionasse as disputas." (SERVA, 1994).

Após a Segunda Guerra Mundial, foi instaurado o comunismo na Iugoslávia. O regime comunista combatia violentamente qualquer movimento nacionalista. Mas quando o regime comunista já entrava em decadência, por volta de 1989, os movimentos tornaram-se fortes e, em 1991, Eslovênia e Croácia declararam independência, que tentou ser reprimida sem sucesso pelo governo.

Em 1992, também a Bósnia tenta a independência. Contudo, os movimentos são reprimidos pelos sérvios que tentavam restaurar a chamada Grande Sérvia, região formada pela Sérvia e pelo Montenegro, também por parte da Croácia e por quase toda a Bósnia.

Os combates entre os dois grupos, bósnios e sérvios, intensificam-se e a situação de guerra civil é caracterizada em abril de 1992.

Os sérvios da Bósnia tentam promover, nas áreas ocupadas, uma limpeza étnica, com a expulsão de não sérvios, massacre de civis e prisão da população de outras etnias.

Com a eclosão da guerra, aos poucos a Bósnia vai sendo destruída pela guerra. A capital Sarajevo sofre com os bombardeios e ataques constantes. E as instituições culturais da Bósnia não sobrevivem imunes ao conflito. Uma das maiores perdas aconteceu em Sarajevo, em agosto de 1992:

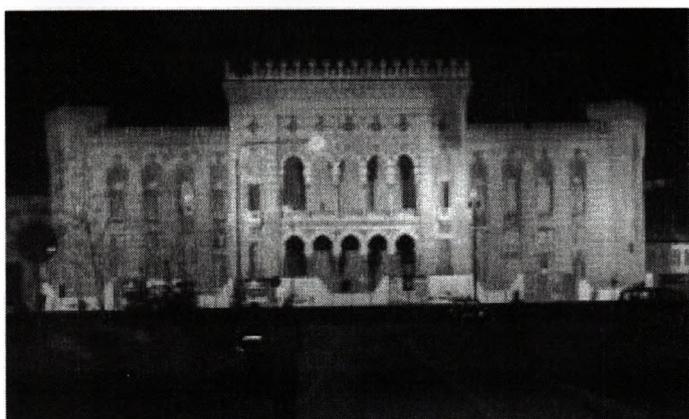


Figura 7 - Vijećnica antes do ataque de agosto de 1992

O Paço Municipal de Sarajevo, era uma magnífica construção do renascimento mouro, construída às margens do rio Miljacka. O prédio, construído em 1896, ficou conhecido como Vijećnica. Foi ali que, em 1914, durante um passeio de carro com sua esposa, Francisco Ferdinando levou o tiro que deu início à Primeira Guerra mundial. Mas a importância do prédio foi ainda maior no pós-guerra. Tinha a missão de abrigar toda a propriedade intelectual da Bósnia. O Vijećnica transformara-se então na Biblioteca Municipal e Universitária de Sarajevo.

No dia 25 de agosto de 1992, o general sérvio nacionalista Ratko Mladic, posicionara suas tropas ao norte da Estrada Sarajevo-Pale. Dali, começou a bombardear a biblioteca. “Residentes nos arredores do Vijećnica disseram que o bombardeio noturno que se dirigia à cidade como um todo, subitamente deu lugar a um ataque focalizado na biblioteca. Uma série de explosões chacoalhou a cidade, e projéteis incendiários arrebentavam o teto da biblioteca, pondo fogo nos livros” (BATTLES, 2003).

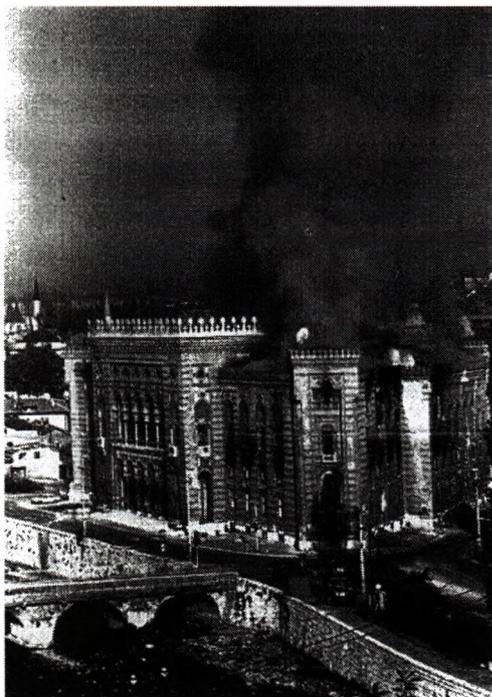


Figura 8 - A biblioteca de Sarajevo durante o ataque

A biblioteca ardeu em chamas durante três dias. Muitos habitantes de Sarajevo, não se importando com o perigo, correram à biblioteca, onde começara uma grande ação coletiva a fim de recuperar os livros das chamas. Quando os bombeiros chegaram ao local, foram atacados com artilharia antiaéreas e metralhadoras. Soldados do exército da Bósnia, durante toda aquela noite, tentaram resgatar livros das chamas, sempre atacados pela artilharia cada vez mais pesada dos nacionalistas sérvios. Os

esforços para salvar os livros prolongaram-se pelos dias seguintes, enquanto a biblioteca ardia em chamas.

Sob o fogo de atiradores sérvios, bibliotecários e cidadãos de Sarajevo, formavam uma corrente humana, a fim de livrar os livros da biblioteca em chamas. A bibliotecária Aida Buturovic, funcionária da Biblioteca, foi atingida por um franco atirador sérvio em uma das tentativas de salvar os livros das chamas e morreu no local. Aida Buturovic era funcionária do setor de intercâmbio da biblioteca. Andras Riedlmayer, pesquisador e responsável pelo trabalho de restauração da Biblioteca de Sarajevo, cita que “Às vezes as pessoas me perguntam por que eu me importo com livros enquanto tantos seres humanos estavam morrendo e sofrendo. Minha resposta é sempre citar Aida Buturovic, porque os dois (pessoas e livros) são inseparáveis”.

Um cidadão de Sarajevo, entrevistado pela Rede de TV ABC, disse o seguinte: “Nós conseguimos salvar apenas alguns livros, aqueles mais preciosos. Tudo o mais foi queimado. E muito de nossa cultura, nosso patrimônio nacional, foi



Figura 9 - Vista interior das ruínas da biblioteca

reduzido a cinzas”.

Um dos comandantes dos bombeiros disse ver vários livros voando pelos ares, as chamas consumindo-os. Testemunhas diziam que seus quintais foram cobertos pelas cinzas dos livros queimados no incêndio. Um

morador da cidade, em entrevista a um repórter da CNN, disse que “mesmo assim, pegando fogo, o edifício é muito bonito”.

Goran Simic, um eminente poeta bósnio, reuniu fragmentos de papel que iam caindo. Mais tarde escreveu o poema “Lamento por Vijec’nica”, em que expressa toda sua dor pela destruição da Biblioteca:

Lamento por Vijec’nica

*A Biblioteca Nacional queimou por três dias no último agosto
A cidade chocou-se com a negra neve
Libertos das Estantes
Personagens vagueiam pelas ruas
Misturando-se às pessoas
E às almas de soldados mortos
Eu vi Werther sentado na grade em ruínas de um cemitério;
Eu vi Quasimodo balançando-se em uma torre
Raskolnikov e Mersault murmuravam juntos por dias em meu celeiro
Gavroche desfilava em cansados disfarces
Yossarian já estava vendendo economias ao inimigo
Por poucos dinares o jovem Sawyer poderia mergulhar na ponte do príncipe.*

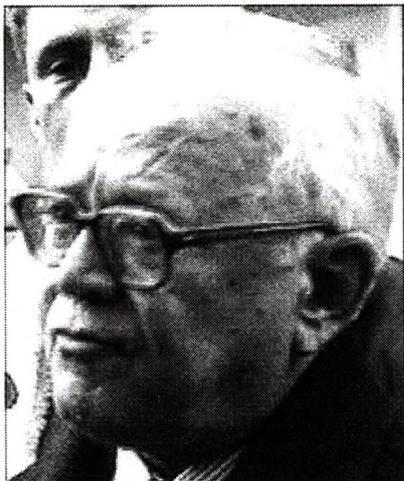


Figura 10 - Nikola Koljevic

“A história de Nikola Koljevic, que de intelectual passou a integrante do governo nacionalista sérvio, diz muito a respeito dos intrincados motivos e ressentimentos que animavam os destruidores da biblioteca.” (HILL, 2003)

Koljevic era, antes da guerra, especialista e pesquisador de Shakespeare, além de poeta e crítico literário.

Ele afastou-se da vida acadêmica para dedicar-se à causa do nacionalismo sérvio, tornando-se o vice-presidente dos sérvios na Bósnia.

Após a morte de seu filho, Nikola Koljevic entrou em um estado de depressão que o conduziu ao nacionalismo sérvio, tornando-se discípulo de Radovan Karadzic. Graças a sua inteligência e modos refinados, Nikola logo foi ganhando poder perante os nacionalistas sérvios. Em 1992, refugiou-se com Karadzic, em Pale, de onde comandou o ataque à Sarajevo.

Embora Nikola fora, no passado, um assíduo freqüentador da Biblioteca Municipal e Universitária de Sarajevo, foi ele mesmo quem assinou a ordem para que Ratko Mladic destruísse a Biblioteca.

Após ser excluído do poder e com a proximidade do fim da guerra, Nikola Koljevic matou-se com um tiro. Segundo colegas de Nikola, a destruição da biblioteca, tão importante para sua formação no passado, fora um dos motivos de seu suicídio.

Além de Vijec'nica, outras bibliotecas da Bósnia sofreram os efeitos da Guerra.

Em abril de 1992 as forças Sérvias bombardearam a cidade histórica de Mostar, na Herzegovina. Os arquivos da Herzegovina, manuscritos e outras obras contendo o registro histórico da região desde a Idade Média, sofreram sérios danos. Segundo Riedlmayer, mais de 50,000 livros foram destruídos quando a Livraria Católica Romana de Mostar foi bombardeada. Mais de 10 mil documentos foram expostos ao fogo durante um ataque ao Museu da Herzegovina. A Biblioteca Universitária de Mostar foi também incendiada e um grande número de documentos foram perdidos. Em outras partes da cidade, um grande número de bibliotecas sofrera perdas pelos bombardeios sérvios.

Em 17 de maio de 1992, o Instituto de Estudos Orientais de Sarajevo foi bombardeado e perdeu todo seu acervo. Entre as preciosidades perdidas, incluíam-se 7,000 documentos Otomanos, contando os primeiros 5 séculos da história da Bósnia, uma coleção de registros de nascimento da região durante o século XIX e outros documentos do período Otomano, cerca de 200,000 volumes.

As perdas também incluíam a maior e mais rica coleção de manuscritos islâmicos do país - 5,263 códices em Árabe, Persa , Hebraico e Adzamijski. Muitos deles eram exemplares únicos no mundo. Um patrimônio histórico irreparável que continha a história de uma nação. O Instituto, que ocupava os últimos andares de um prédio na esquina da Rua Cubrivolica com a Tito Boulevard, o centro comercial de Sarajevo, fora totalmente destruído, e toda sua coleção desapareceu para sempre.

Um significativo número de bibliotecas religiosas e coleções de antigos manuscritos guardados por Comunidades Islâmicas locais também foram queimados. Entre as atingidas, estão as bibliotecas islâmicas em Janja, Foca, Kljuc, Prijedor e Sanski Mot.

Em abril de 1992 o Convento da Ordem do Menino Jesus, em Sarajevo, foi ocupado por tropas sérvias, que evacuaram o prédio e destruíram a biblioteca do Convento juntamente com o arquivo.

A única Instituição que sobreviveu intacta aos ataques foi a Biblioteca do Museu Nacional da Bósnia. Todos seus 200,000 volumes foram salvos durante um ataque no verão de 1992. Entre os livros resgatados estava um dos grandes tesouros culturais da Bósnia, Sarajevo Haggadah, datado do século XIV.

Mesmo com o grande número de bibliotecas destruídas na Bósnia, foi a Biblioteca Nacional quem mais sofreu com os ataques. Antes do ataque, a Biblioteca contava com um acervo de 1,5 milhão de livros, além de 155,000 manuscritos e obras raras. Estima-se que apenas 10% desse total foi salvo das chamas, graças aos heróicos esforços de cidadãos que desejavam, acima de tudo, não perder todo o patrimônio cultural do país, que fora preservado durante tantos séculos. Jeffrey Spurr afirma que “é razoável afirmar que esse tenha sido, em termos absolutos, o pior caso isolado de queimas de livros em toda a história”. Spurr afirma ainda que a biblioteca era um relicário, guardando nela o esforço de muitas gerações. As obras que continha confirmavam que, apesar dos argumentos dos nacionalistas sérvios e dos críticos ocidentais, houve uma Bósnia multicultural atravessando séculos de domínio Otomano e, depois, décadas de domínio austríaco e iugoslavo, com habitantes das mais diversas origens mostrando-se capazes não só de viver lado a lado, mas também de conviver uns com os outros. Foi exatamente por isso que a biblioteca tornou-se alvo da artilharia dos nacionalistas ”.

Segundo Riedlmayer, “o que movia os nacionalistas era óbvio demais. Por toda a Bósnia, as bibliotecas, arquivos, museus e instituições culturais tornaram-se alvos de destruição, numa tentativa de eliminar qualquer evidência material – livros,

documentos e obras de arte – que pudesse atestar às gerações futuras que pessoas de diferentes tradições étnicas e religiosas haviam compartilhado uma herança comum”.

“Em todos os casos, apenas a biblioteca era atingida. As construções adjacentes permaneciam intactas” (RIEDLMAYER, 2001).

Radovan Karadzic negava a participação de suas forças nos ataques. O líder sérvio afirmava que o ataque à Biblioteca Nacional, por exemplo, havia sido obra dos próprios bósnios, que haviam feito isso apenas porque não gostavam de sua arquitetura. (New York Newsday, 30/11/1992).

Mas uma outra maneira de queimar livros era utilizada em Sarajevo. Um intelectual de Sarajevo relatou certa vez a Andras Riedlmayer que no inverno eles ficaram sem lenha e precisaram queimar livros para se aquecer e cozinhar. “Numa situação como essa, é preciso fixar critérios, estabelecer prioridades”, ele dizia. “Primeiro, queima-se velhos manuais, comprados nos tempos de faculdade, que permaneceram trinta anos nas estantes sem serem lidos”. Depois, queimamos duplicatas. Chega uma hora, porém, em que é preciso fazer escolhas difíceis. O que vamos queimar hoje? Proust ou Dostoievski?”. Riedlmayer perguntou então se não havia sobrado nenhum livro na biblioteca do intelectual, ao que ele respondeu “Sobraram sim, muitos. Às vezes, eu olhava para um livro e simplesmente decidia que era melhor passar fome”.

9. KOSOVO

Em março de 1989 o parlamento sérvio adotava medidas constitucionais que acabavam com a autonomia política de Kosovo. Esse era o princípio da decadência dos direitos humanos e civis dos habitantes da província iugoslava. Durante a década de 90 os sérvios aplicavam novas leis, que atingiam todos os setores da vida pública e que iam aos poucos marginalizando cada vez mais a população de origem albanesa.

Em 26 de junho de 1990 as autoridades sérvias impuseram uma nova onda de decretos. Essas medidas, que acabaram tornando-se permanentes, causaram a demissão de milhares de pessoas, principalmente dos albaneses, maioria étnica da população de Kosovo.

A Biblioteca Nacional e Universitária de Kosovo também teve seu diretor, Mehmet Gergury, demitido, sendo substituído por um comitê de sérvios.

Outros bibliotecários de origem albanesa, 93 no total, foram demitidos, devido à tentativa de limpeza étnica por parte dos sérvios. Os usuários de origem albanesa também foram proibidos de freqüentar bibliotecas e centros de pesquisa.

O quadro abaixo mostra a situação das bibliotecas de Kosovo nos anos de 1989, 1992 e 1995.

Bibliotecas em Kosovo			
	1989	1992	1995
Bibliotecas especializadas	36	31	34
Número de volumes	927.000	213.000	810.000
Bibliotecas públicas	176	78	59
Número de volumes	1.927.000	1.859.000	1.080.000
Bibliotecas escolares	328	146	144
Número de volumes	1.224.000	639.000	578.000

Em 1992, nota-se um decréscimo radical no número de livros em bibliotecas especializadas de Kosovo. Isso indica a retirada de livros albaneses das bibliotecas por parte das autoridades sérvias, para serem destruídos ou queimados. Já em 1995, há um crescimento das coleções, o que pode indicar uma reposição de livros sérvios para os acervos.

Os habitantes de Kosovo de origem albanesa alegavam que a destruição dos livros albaneses pelos sérvios era uma tentativa de liquidar o patrimônio cultural de Kosovo e forçar a expulsão dos albaneses da região.

Em julho de 1991 seis caminhões carregados com periódicos foram enviados para uma fábrica de papel. Em janeiro e fevereiro de 1992, cerca de 100.000 livros, mais de 8.000 revistas e jornais foram retirados dos acervos de bibliotecas de Kosovo e transportados para um destino desconhecido.

Embora fosse a maioria étnica da população, cerca de 90%, aos poucos, a população Kosovar de origem albanesa era excluída pelos sérvios, tendo cada vez menos espaço na sociedade.

Foi então que os kosovares iniciaram um movimento pela sua autonomia política. Os sérvios, no entanto, não aceitariam a independência de Kosovo. O presidente sérvio Milosevic afirmava que Kosovo era o berço do nacionalismo sérvio, pois foi lá que, em 1389, os sérvios foram derrotados pelos invasores do Império Otomano.

Além do mais, segundo o presidente, ele não queria que a Iugoslávia perdesse mais territórios, como já ocorrera no início dos anos 90.

Não demorou muito para que a OTAN interviesse no conflito. Afirmando que estava ali para evitar uma limpeza étnica, desejada por Milosevic a fim de expulsar os albaneses e fazer dos sérvios maioria em Kosovo, entrou em guerra contra a Iugoslávia e obrigou Milosevic a assinar o acordo de Rambouillet, que não dava a independência à província, mas propunha sua autonomia administrativa e cultural.

A intervenção da OTAN intensificou ainda mais o conflito e causou uma destruição ainda maior em Kosovo. E além das inúmeras mortes causadas pelo conflito, os Kosovares assistiam com pesar a destruição de seu patrimônio histórico e cultural. Bibliotecas, museus e arquivos foram destruídos, desta vez não só pela ação criminosa dos sérvios, mas também por bombardeios e ataques que atingiram diversas instituições culturais da província.

A quantidade de bibliotecas atingidas é grande e arruinou bibliotecas de quase todas as cidades de Kosovo.

Prishtina, a capital, contava com 17 bibliotecas antes da guerra. A chamada “Mão Negra” sérvia queimou a Biblioteca de Hade, Koliq e Viti Mareci e destruiu um grande número de livros na Biblioteca de Obliq. O número total de perdas chega a 23.000.



Figura 11 - Visão do que restou da Biblioteca de Hadum Suleiman Efendi, em in Gjakova. A construção era do século XVIII e guardava cerca de 200 manuscritos e 1300 livros raros, assim como arquivos da comunidade islâmica do século XVII. A Biblioteca foi queimada pelos sérvios em 27 e 28 de março de 1999.

Em Podujeva, existiam 14 bibliotecas com 143.067 livros. A “Mão Negra” sérvia incendiou 10 bibliotecas do município, entre elas a principal biblioteca da cidade. As perdas chegaram a 124.977 livros destruídos. Atualmente, o município conta com apenas três bibliotecas, bastante danificadas, com um acervo de 18.090 livros.

Antes da guerra, o município de Glllogoci tinha 7 bibliotecas com cerca de 73.000 livros. Os sérvios destruíram 2 bibliotecas, incluindo a maior biblioteca do município e danificaram outras. As perdas chegaram a 66.468 livros.

As forças sérvias também assassinaram o bibliotecário Izet Elshani, de 48 anos e queimaram sua biblioteca, que continha 9.500 livros. Hoje, o município de Glllogoci conta com apenas 6.532 livros. O quadro abaixo demonstra as perdas das bibliotecas de Kosovo durante a guerra:

Município	Acervo antes da Guerra	Acervo após a Guerra
Prishtina	249.027	149.074
Mitrovica	152.858	125.797
Prizren	82.293	71.732
Peja	87.212	67.041
Gjakova	105.443	83.061
Ferizaj	60.565	26.352
Gjilan	167.562	116.832
Klina	48.640	15.000
Istog	48.070	21.080
Deçan	106.800	16.300
Rahovec	49.106	1.200
Suhareka	43.500	27.100
Malisheva	40.800	1.096
Gllgovci	73.000	6.532
Skënderaj	68.344	20.253
Dragash	52.300	52.300
Lipjan	82.971	44.985
Kaçanik	51.155	50.461
Vitia	34.528	19.369
Gurash (Kamenica)	56.769	56.769
Shtimja	7.106	-
Podujeva	143.067	18.090
Fushë-Kosova	98.813	59.729
Vushtrria	77.284	38.720
Leposaviq	27.315	27.315
Total	2.014.628	1.116.188

Após o fim da guerra, a província de Kosovo passou a ser controlada pela OTAN, denominadas KFOR (Kosovo Force).

Com o controle parcial do conflito pelo KFOR, os sérvios tentavam culpar os albaneses pela desenfreada destruição de livros e bibliotecas.

Segundo o jornal sérvio "Glas Javnosti", de 28 de setembro de 2000, pelo menos quatro bibliotecas sérvias foram destruídas e mais de dois milhões de livros queimados por albaneses. Segue abaixo a reportagem, tal como foi descrito pelo jornal sérvio:

"Desde a chegada do KFOR, terroristas albaneses destruíram mais de 2 milhões de livros sérvios em bibliotecas locais(...).Obras importantes foram aniquiladas bem na frente dos olhos do KFOR e nada foi feito para proteger os livros em bibliotecas e outras instituições culturais sérvias em Kosovo. É uma vergonha que os trabalhos de Shakespeare, Goethe e outros famosos autores sejam destruídos na frente de soldados que vieram do mesmo país desses escritores.

Em posição ainda pior estão as bibliotecas localizadas em Prizren, Djakovica, Istok, Glogovac, Srbica, Podujevo e outras cidades sob o controle de membros do Exército pela libertação de Kosovo (KLA). Tal barbarismo não era lembrado desde os tempos de Hitler e a queima de livros dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial".

Mas a história não foi bem essa. A intenção dos sérvios, ao publicar tal matéria, era culpar os próprios albaneses pela destruição dos livros e bibliotecas de Kosovo.

Em primeiro lugar, nunca houve 2 milhões de livros sérvios em Kosovo. O próprio relatório da UNESCO fornece dados que comprovam que 2 milhões era o

número total de livros em Kosovo antes do conflito, sejam eles sérvios ou albaneses. E muitas das bibliotecas das cidades mencionadas, como Prizren, Djakovica, Istok, Glogovac e Srbica estão localizadas na parte Oeste de Kosovo. A maioria das bibliotecas destruídas estava localizada do outro lado do país, na parte leste. Também é interessante notar que os próprios sérvios definem as bibliotecas públicas de Kosovo como “Instituições culturais da Sérvia. No entanto, eles próprios destruíram grande parte desse patrimônio cultural”. (FREDERIKSEN, 2000).

Também o ex-diretor sérvio da Biblioteca Nacional e Universitária de Kosovo, Mr. Jordan Ristic, que dirigiu a biblioteca até 1999, quando as forças KFOR assumiram o controle da cidade, culpa os albaneses pela destruição de livros. Em artigo publicado no jornal "Borba daily", em 20 de dezembro de 1999, ele disse o seguinte:

“Desde a chegada das forças internacionais em Kosovo, todos os empregados sérvios da Biblioteca Nacional foram demitidos, e os sérvios foram proibidos de entrar na Biblioteca. Vândalos albaneses queimaram pilhas de livros na frente de membros da KFOR. Foram os extremistas os responsáveis pela queima da Biblioteca Municipal de Prishtina, a maior da Província de Kosovo, com cerca de 400.000 títulos. Antes da expulsão dos sérvios, a Biblioteca estava pronta para receber duas exposições e agora, sob o domínio dos albaneses, as exposições foram canceladas. A biblioteca era, sob o domínio sérvio, o mais rico centro da vida cultural e científica de Kosovo, organizando centenas de eventos por ano, que iam de concertos a exposições e publicava anualmente cerca de 30 livros. Antes dos albaneses de Kosovo chegarem ao poder, a Biblioteca financiou e recebeu importantes eventos albaneses.

Testemunhas avistaram albaneses invadindo casas de sérvios e roubando livros para serem queimados. Terroristas albaneses destruíram quase todas as bibliotecas particulares, principalmente de casas de escritores sérvios que viviam em Kosovo. Minha própria biblioteca particular foi destruída e uma rica coleção com cerca de 4.500 títulos foi perdida. Albaneses armados invadiram meu apartamento, saquearam todos os livros e telefonaram posteriormente dizendo que minha biblioteca agora continha apenas cinzas. Nada se sabe sobre o destino dos livros das bibliotecas de Prizren e Metohija. Isso incluiu a Biblioteca da Faculdade de Teologia de Prizren, que continha um dos maiores acervos de religião de Kosovo. Testemunhas diziam que o prédio da biblioteca estava parcialmente em chamas, mas o que realmente aconteceu com os livros ninguém sabia”, disse Ristic.

Mas as acusações de Ristic são suspeitas. O que realmente aconteceu com a Biblioteca Teológica de Prizren ainda não se sabia ao certo. De acordo com Andras Riedlmayer a construção permaneceu intacta e guardada por soldados da KFOR. Não há indícios de que danos maiores tenham sido causados a essa biblioteca.

A Biblioteca Municipal de Prishtina não foi queimada e o número total de livros é exagerado e impreciso. O “Centro pela paz e Tolerância de Belgrado” elaborou relatórios que mostravam ataques sérvios em Kosovo de 18 de junho a 2 de setembro de 1999. Mas essa fonte sérvia mencionava apenas um ataque à biblioteca Municipal de Prishtina. Não havia nesse relatório qualquer menção de outras bibliotecas destruídas em Prishtina ou qualquer lugar de Kosovo.

O artigo ainda afirma que todos os empregados sérvios foram demitidos da Biblioteca Nacional de Prishtina. No entanto, o atual diretor da biblioteca afirma que

todos foram convidados a voltar a seus empregos após o fim da guerra e que no entanto nenhum aceitou o convite. Alguns bibliotecários em áreas dominadas pelos albaneses informaram que alguns sérvios tentaram retornar a seus empregos, mas que o medo de sua segurança pessoal fez com que eles o abandonassem.

Segundo relatório da UNESCO, escrito por Carsten Frederiksen e Frode Bakken, o artigo publicado parece ser apenas uma resposta às alegações feitas pelos albaneses, que culpavam os sérvios pela destruição do patrimônio cultural de Kosovo.

Mas as informações eram imprecisas e tendenciosas, sendo levantadas através de entrevistas e outros meios em que a imparcialidade das informações nem sempre era certa.

É impossível saber-se ao certo quantas bibliotecas foram destruídas por albaneses atacando instituições sérvias. Mas é certo que a maioria dos livros destruídos em Kosovo foi um ato criminoso por parte dos próprios sérvios, em sua tentativa de limpeza étnica e cultural da região.

O que confirma isso é o fato de que representantes de quase todas as bibliotecas de Kosovo, em reunião com o comitê da UNESCO pela revitalização das Bibliotecas da província, disserem que seus acervos ainda possuem milhares de livros sérvios e uma rápida visita às bibliotecas confirma isso. Hajrulla Mustafa, o diretor da Biblioteca Municipal de Mitrovice, afirma: "Nós devemos guardar todos os livros, não importa em que línguas estão".

10. CHINA

Até o século XX, a China foi palco de invasões e dominação europeia e nipônica. A decadente monarquia chinesa estava aliada aos estrangeiros, tendo sido derrubada em 1910 pelos nacionalistas, comandados pelo médico Sun Yat-Sen.

Apesar da tentativa de se estabelecer uma república democrática, muitos chefes regionais resistiram ao surgimento pleno do novo regime, influenciados pela herança feudal e pelos interesses em propriedades devido aos negócios com os estrangeiros.

Em 1921 surge o Partido Comunista Chinês (PCCh) que mais tarde revelaria à China Mao Tse-tung. Dois anos depois, o PC (Partido Comunista) alia-se ao Kuomintang – Partido Nacionalista de Sun Yat-sen para a derrubada total dos senhores da terra e da monarquia. A morte de Sun em 1925 e o episódio do massacre e da expulsão de milhares de operários comunistas em Xangai, ordenados pelo general do partido nacionalista Chiang Kai-shek em 1927 foram os sinais do rompimento entre os dois partidos.

É iniciada uma guerra civil entre os nacionalistas de Chiang e o Exército Popular de Libertação de Mao, a qual se prolonga por 22 anos. Os comunistas, então liderados por Mao Tsé-tung, iniciaram a Grande Marcha, movimento que levaria operários simpatizantes com a causa ao Norte e lá fundariam a República Vermelha, no Cantão. Ao mesmo tempo, os rebeldes do partido comunista foram obrigados a resistir às investidas do Kuomintang e dos japoneses, estabelecidos no território chinês desde 1931.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a China estava dividida em três regiões: a dos comunistas, mais ao norte; a segunda, ocupada pelos nacionalistas,

compreendendo o sul e a capital, Pequim; e, uma terceira, invadida pelos japoneses, consolidados em 1937.

Pressionados pelo avanço japonês, os dois partidos viram-se obrigados a unirem-se para expulsar os invasores. Para o PC, isso resultou em uma trégua, dado que houve uma significativa redução dos ataques dos nacionalistas, proporcionando, assim, a reorganização do partido, que pôde aumentar as suas forças no norte e no leste, ao passo que o Kuomintang deteriora-se devido à desmoralização advinda dos casos de corrupção de seus dirigentes.

Com a rendição do Japão aos aliados no final da Segunda Guerra, reiniciam-se as lutas entre os dois partidos. A guerra civil é retomada. Os comunistas são auxiliados pelos soviéticos; e os nacionalistas, pelos Estados Unidos. Em 1º de outubro de 1949, os comunistas entram em Pequim e proclamam a República Popular da China. O novo governo chinês promove uma reforma agrária radical, abole privilégios feudais, torna a educação obrigatória e proporciona condições para a industrialização rápida. Cria-se então todo um aparato ideológico de repúdio às idéias direitistas ocidentais, como uma espécie de proteção ao regime e à cultura. Traduções dos intelectuais: Balzac, Lavoisier e outros formadores do pensamento ocidental foram destruídos. Aliás, todo conhecimento e hábito ou manifestação artística que fosse anterior ao maoísmo seria considerada direitista e burguesa.

Em 1966 e 1969 explode a Revolução Cultural na China, movimento usado por Mao contra seus opositores no aparelho do Estado e no Partido Comunista, acusados da tentativa de restauração do capitalismo. Todos os costumes e tradições passados começam a serem vistos como atitudes burguesas e reacionárias. Os intelectuais eram enviados para o campo e para as minas a fim de serem “reeducados” por meio de trabalhos forçados.

Tradutores como Fu Lei e Sheng Chengua viram suas obras serem dispersas ou expurgadas, e foram vítimas de perseguição. Um trecho da obra de François Cheng relata que:

“[...] na Revolução Cultural, quando a campanha contra a tendência burguesa ocidental atingir o auge, Fu Lei irá assistir à dispersão ou queima de todos os seus livros e manuscritos. Depois de lhe revistarem a casa, obriga-lo-ão, e à mulher, a viver num único compartimento estreito. Declarado 'inimigo do povo', era levado dia e noite à presença dos Guardas Vermelhos para ser sujeito a intermináveis interrogatórios e sevícias físicas, até que o casal decide morrer junto para não deixar sobreviventes”.

Em 1966, 4 milhões de livros nas áreas de História, Filosofia, Economia, Pedagogia, Ciência Política e línguas estrangeiras foram queimados. Universidades e escolas em Pequim e em outras cidades chinesas foram fechadas após revoltas estudantis.

Todas obras consideradas burguesas, reacionárias ou subversivas ao regime eram perseguidas. O Exército Vermelho invadia casas, geralmente à noite, e confiscava tudo aquilo que considerava perigoso. Um escritor descreve o ataque do Exército Vermelho à sua casa:

“Todos os meus manuscritos e livros foram queimados. Mas o livro em que eu estava trabalhando tornou-se minha vida. Como poderei abandoná-lo? Eles queimaram minha biblioteca e meus manuscritos, mas não queimaram minha memória. Eu comecei a escrever em segredo, lembrando-me das palavras que eu escolhera antes, e escondendo as páginas que já escrevi”.

Muitos dos estudantes chineses alistaram-se no Exército Vermelho. Incitados por Mao, eles procuravam por Livros e obras de arte que faziam parte do

passado chinês e os queimavam, sem respeitar as tradições chinesas contidas nos livros, numa demonstração de intolerância para todo material que pudesse lhes ensinar algo novo. “Para os revolucionários chineses, os trabalhos clássicos promoviam o feudalismo, obras ocidentais incitavam o capitalismo e trabalhos soviéticos encorajavam o revisionismo” (KNUTH, 2003). Explicando a destruição do material, os participantes diziam o seguinte: “Eu ataquei o inimigo. O que há de errado nisso?” Um soldado do exército vermelho descreveu uma queima de livros:

“Finalmente os livros – agora uma pequena montanha – foram queimados pelo Exército Vermelho. Excitantes slogans acompanharam a densa fumaça que subia aos céus. Talvez o Exército Vermelho tenha sentido que aquela mera queima de livros não fosse “revolucionária” o bastante. Em todo caso, usando suas correias, eles amarraram a “Black Gang” [termo dos revolucionários para professores] às bordas da fogueira e a fizeram ficar em pé, enquanto as chamas se aproximavam, para que eles “provassem um pouco das chamas da Grande Revolução Cultural”. O que eu testemunhei foi a queima de livros da Escola N. 11 de Beijing.” (YAN, 1996).

Os estudantes, cegos pelo comunismo, saquearam primeiro as bibliotecas universitárias e escolares. Mas muitos deles, tendo acesso às estantes das bibliotecas fechadas, levaram em segredo livros para lerem em casa. No entanto, queimavam às vezes a mesma obra que liam, tal era o absurdo da Revolução Cultural.

Um estudante não pertencente ao Exército Vermelho descreveu uma cena acontecida na Escola Nan Yang Model, em Shangai:

“Agora esse centro de educação tornou-se o novo centro da guerra que foi declarada contra a civilização. No pátio, sobre o telhado da biblioteca, até mesmo

sob as sombras da videira da escola, as pessoas estão queimando livros. O céu tornou-se vermelho”.

“Para as bibliotecas, foi um período de alto risco. O período mais perigoso para as coleções aconteceu entre 1966-1968, quando o Exército Vermelho promovia sua campanha contra os “Quatro Velhos” (Velhas idéias, velha cultura, velhos costumes e velhos hábitos)” (KNUTH, 2003).

Antecipando a invasão do Exército Vermelho às suas casas, algumas famílias apressavam em desfazer-se de suas coleções que poderiam conter traços dos “Quatro Velhos”. Coleções que passaram de pai para filho foram destruídas, pelo medo que os habitantes tinham de que a sobrevivência delas poderia custar-lhes a própria vida. Um filho descreve a dor de seu pai, ao desfazer-se de suas coleções:

“Ele fez uma grande fogueira e jogou os livros às chamas. Aquela foi a primeira vez que vi meu pai chorando. Foi agonizante, triste, odioso, o choro de um homem não acostumado a lágrimas(...) Meu pai gastava todo o dinheiro que ganhava em seus livros. Eles eram sua vida. Depois da fogueira, eu poderia contar-lhes que algo afetou a sua mente” (CHANG, 1991).

Na Universidade Zhongsham, em Cantão, o Exército Vermelho primeiro queimou toda a coleção de obras ocidentais clássicas, depois todos os textos, exceto os Maoístas e comunistas; e, então, queimou todo o prédio da biblioteca.

Foi grande o número de bibliotecas queimadas pelo Exército Vermelho. Na Biblioteca da Escola Soochow, na província de Kiansu, 80.000 livros de um total de 100.000 foram queimados, em uma única noite. As coleções de bibliotecas públicas foram reduzidas a 1/3 do que continham antes da revolução.

Alguns bibliotecários tentavam proteger as coleções de suas bibliotecas de todas as formas. Às vezes, corriam enormes riscos escondendo livros ou até mesmo confrontando o Exército Vermelho. Os bibliotecários da Biblioteca Xujiahui de Shangai, por exemplo, após observar a queima de livros da biblioteca de uma igreja próxima, esperavam pelos estudantes revolucionários quando eles chegaram para atacar a biblioteca. Eles guardaram as portas e falaram aos estudantes sobre a importância histórica da coleção. A biblioteca permaneceu fechada até 1977, porém não foi destruída e todo seu acervo manteve-se preservado, embora alguns bibliotecários tenham sido presos pelo governo, e outros, sofrido perseguições.

Todas as bibliotecas sobreviventes aos ataques permaneceram fechadas por muito tempo. Os fechamentos, embora tenham desviado o real papel das bibliotecas, que é democratizar a informação, foram até certo ponto benéficos para várias coleções, que permaneceram livres de saques e da destruição por parte dos estudantes revolucionários. As coleções da Biblioteca de Beijing, por exemplo, sobreviveram praticamente intocadas. Não obstante a política de “destruir o passado” de Mao, uma parte da literatura clássica chinesa foi preservada, incluindo uma coleção de cerca de 130.000 volumes de clássicos chineses da Biblioteca de Shangai.

A salvação de muitos livros deu-se quando eles puderam ser estocados em salas marcadas pelo fengtiao – uma marcação com um selo, indicando o fechamento oficial e a proteção da coleção pelo governo. Um relato interessante é citado no livro “Turbulent decade: a history of Cultural Revolution”, escrito por Yan Jiaqi e Gao Gao. Segundo o livro, a esposa de Mao, Jiang Qing, quisera limpar seu próprio passado, quando fora atriz em Shangai na década de 30, um tempo em que não era “vermelha” o suficiente. Ela destruiu todas suas cartas e fotos e mandou

matar todos aqueles que a conheciam naqueles dias. Todos os documentos da década de 30 da Biblioteca de Shangai foram selados e 10 bibliotecários foram interrogados e torturados”.

Ainda hoje é possível notar as cicatrizes desses eventos. A forte censura ainda permanece no país, como reminiscências da Revolução Cultural.

Para alguns artistas, a única saída encontrada foi divulgar sua obra fora do país. Um exemplo disso é a destruição dos quadros do artista Mu Xin. A maioria deles queimada por ordem de Mao Tse-tung no período da revolução. As obras que sobreviveram aos ataques, cerca de 33 quadros, hoje estão expostas em Nova Iorque.

O forte controle da produção bibliográfica chinesa não se restringe aos livros e à escrita em formato impresso. Os blogs – diários de livre publicação na Internet – também foram proibidos e seu conteúdo eliminado. Como se pode notar no trecho da nota escrita por Christopher Bodeen da Associated Press:

SHANGHAI, China (20 de março de 2004) – “A China fechou alguns sites da Web que eram fóruns de pensamento livre, mais conhecidos como blogs, aumentando as tentativas do governo para controlar as discussões políticas pela Internet, segundo informou um grupo pró-liberdade de expressão enquanto uma página era fechada na sexta (19 de março)”.

11. JAPÃO

Muitos autores consideram que a censura política no Japão eram menos violenta em relação à chinesa. Obras que refletissem qualquer alusão ao pensamento ocidental eram indícios de subversão. Isso até a abertura para o ocidente e a modernização. Mesmo assim, no Japão tem-se vários exemplos de obras destruídas por fazerem menção a ideologias contrárias aos dos que estão no poder ou exatamente o contrário, por fazerem parte da cultura dominante.

É o caso do da arte produzida no período Heian (794-1192), em momento de instabilidade política, e com o advento de uma nova aristocracia, a Família dos Fujiwara.

Os Fujiwara atingiram o ápice da glória por volta do século XI. Em 894, com o fim das missões regulares à China, acelerou-se o desenvolvimento de uma cultura japonesa nativa, muito refinada e sofisticada. Foi um processo de assimilação e adaptação da cultura vinda do exterior, como, por exemplo, a complexidade da forma chinesa, que levou escritores e sacerdotes a elaborarem uma escrita japonesa através de dois grupos de sistemas silábicos. Assim, alfabetos fonéticos ou Kana (como são chamados) foram aperfeiçoados e seu uso foi se ampliando e substituindo a escrita chinesa. Foram criadas obras primas de arquitetura, pintura, escultura e literatura. Apareceram muitos trabalhos literários, particularmente sob a forma de diário e poemas de 31 sílabas. No final desse período também houve uma abertura para reformas religiosas e de introdução ou nascimento de novas doutrinas budistas.

Com o advento dos Bushi (casta de guerreiros samurais que predominou entre 1192 a 1867), o contraste entre a cultura aristocrática e a cultura guerreira fora resolvido através da imposição das armas. Muitos clãs aristocratas foram totalmente

destruídos e os poucos nobres que sobreviveram foram desprovidos de qualquer influência efetiva, ficando restrita a representação da corte imperial junto ao imperador. Também se destruíram os monastérios e bibliotecas que contivessem a essência da cultura Heian: escrituras, registros e obras de arte.

No século XVI, o Japão batalhava pela reunificação de seu território. O objetivo era pôr fim à anarquia e à guerra civil que assolavam o país desde o enfraquecimento do poder político dos Xoguns Ashikaga. Nessa ocasião, governava o Xogum Ietsuna, que consolidara nos primeiros anos do século XVII um regime feudal fortemente centralizado pelo poder central, que conseguiu se manter até 1868, praticamente sem nenhuma oposição armada.

O Japão viveu isolado do ocidente até 1542, quando apareceram os primeiros navegadores portugueses, seguidos de espanhóis – responsáveis por diversas missões jesuíticas na região. Os Jesuítas, amparados por Oda Nobunaga – que viveu de 1534 até 1582, líder do pequeno feudo de Owari, correspondente à metade ocidental da atual Prefeitura de Aichi – dedicavam-se, sem maiores entraves, à difusão do Cristianismo e o comércio externo florescia, com navios japoneses singrando os mares da Ásia Oriental e preparando a instalação de feitorias comerciais na Indochina, no Arquipélago Indonésio e nas Filipinas.

Quando Nobunaga morreu, o Cristianismo japonês e o comércio exterior tinham recebido um golpe de morte com os éditos de 1639 do Xogum Iemitsu que, ao mesmo tempo, proibira a prática e a difusão do Catolicismo. Inaugurou-se o regime de sakoku ou isolamento, expulsando os estrangeiros, proibindo as viagens ao além-mar e impedindo o comércio exterior, com exceção de uns poucos contatos comerciais severamente controlados com os chineses e os holandeses, através do porto de Deshima, nas vizinhanças de Nagasaki. A reação nipônica fora hostil à

presença europeia, tanto que, em 1616, houve o extermínio de 37 mil cristãos japoneses.

No século XVI, a sociedade japonesa apresentava suficiente mobilidade para permitir que um homem, filho de camponeses, pudesse atingir, pelo esforço pessoal e pela sorte nas armas, os mais altos escalões na nobreza militar. Após a morte de Nobunaga, a sociedade nipônica achava-se petrificada em quatro ordens hereditárias: guerreiros, agricultores, artesãos e comerciantes. Cuidadosamente controladas por estatutos especiais que tornavam a ascensão social totalmente impossível.

Em 1945, no dia 6 de agosto, a província de Hiroshima fora destruída pela bomba atômica. Nos três dias seguintes, o mesmo ocorreu com Nagasaki. Antes disso, no verão do mesmo ano, os mais importantes centros industriais do Império do Sol Nascente, Tóquio, Kyoto, Osaka, Kobel, eram alvos de bombardeios aéreos. Em 10 de agosto, o Japão decretava a sua rendição.

Com base nos dados fornecidos por P. O. Keeney, um dos autores ocidentais que se dedica ao estudo de bibliotecas nipônicas devastadas durante o período da Segunda Guerra, os acervos chegavam a ter, antes do conflito, cerca de 9.000.000 volumes, dentre os quais 7.000.000 estavam espalhados em bibliotecas públicas de prefeituras municipais, povoados e aldeias. O resto constava de bibliotecas particulares e coleções privadas, além de bibliotecas universitárias.

Existiam 2.250 bibliotecas públicas que estavam localizadas em assentamentos urbanos e rurais; mais de 500 bibliotecas escolares, universitárias e privadas. A cidade de Aomori teve sua biblioteca pública completamente destruída. Em Tóquio, foram queimadas 27 bibliotecas sucursais e 9 escolares. O somatório

das perdas no sistema metropolitano bibliotecário superou a marca de 315.000 volumes. Diversas coleções governamentais foram igualmente destruídas.

Podem-se agrupar as bibliotecas públicas destruídas durante a Segunda Guerra de acordo o disposto na tabela a seguir:

Bibliotecas Totalmente Destruídas (100%)	Bibliotecas Parcialmente Destruídas (50% ou mais)	Bibliotecas Requisitadas pelo Governo Militar
Aomori	Toyama	Yamagata
Miyagi (Sendai)	Fukui	Yamanashi
Ibaraki	Gifu	Ehime (Matsuyama)
Okayama	Shizuoka	-
Kagama (Takamatsu)	Mir (Tsu)	-
Tokusluma	Hgogo (Kobe)	-
Kochi	Kumamoto	-
Oita	-	-
Fukuoka	-	-
Tóquio	-	-
Nagoya	-	-
Hiroshima	-	-

As bibliotecas requisitadas pelo governo militar serviram de quartel general e barracas para os soldados. Nenhuma referência foi encontrada sobre a biblioteca de Nagasaki.

Comparadas com as bibliotecas públicas, as bibliotecas universitárias tiveram melhor sorte e sofreram menos danos. Mencionam-se os centros

documentais das universidades imperais de Hokkaido, Kioto, Tóquio, Tohoku, Kyushu, Osaka, Nagoya, Keto, Waseda e Doshisha. No entanto, as bibliotecas públicas selecionadas eram consideradas os maiores centros de cultura e conhecimento do país.

Os números de bibliotecas destruídas citados podem ser ainda maiores. A justificativa para tanta destruição fora a de acabar com tudo aquilo que colocasse em risco a vitória norte-americana.

Atualmente ocorre o expurgo japonês imposto pelos próprios japoneses, restringindo-se à proibição de obras consideradas pornográficas a uma determinada faixa etária. Mas a rigidez não é a mesma da China, cujo governo tenta manter a população desinformada de modo que esta se submeta às condições econômicas instáveis.

12. IRAQUE

A situação atual do Iraque está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do imperialismo. Da época da 2ª Revolução Industrial até o início do século XIX, a Inglaterra era a potência industrial hegemônica. Porém, a partir de 1830, outros países adotaram uma política de industrialização: primeiro, a França e Bélgica e, mais tarde, a Alemanha, Estados Unidos, Itália e Japão.

Ao mesmo tempo que a indústria se desenvolvia na Inglaterra e nos demais países europeus, descobriram-se o petróleo e outros minérios como matéria-prima para a empresa siderúrgica. Eis que o Iraque, abundante nessas matérias, tornou-se alvo das ambições européias. Após a Primeira Guerra Mundial, Inglaterra e França fizeram um acordo dividindo para si duas áreas das disputadas que resultou na seguinte divisão: para a Inglaterra coube a Palestina (Jordânia e Israel), a Mesopotâmia (Iraque) e a Península Arábica; para a França, restaria a Síria e a Cilícia (Líbano e Turquia).

Ao longo do século XX o Iraque sofreu diversas tentativas de controle por nações estrangeiras, devido às suas ricas reservas petrolíferas.

Desde 1991, é travada uma guerra entre os Estados Unidos e o Iraque na região do Golfo Pérsico. O principal motivo é a suposta derrubada do ditador Hussein, a luta contra o terrorismo e seus aliados, a suspeita da fabricação de armas de destruição em massa, e a libertação do povo iraquiano. Porém, por trás de tudo isso, existe o interesse norte americano nos recursos minerais provenientes da região.

Durante a invasão dos Estados Unidos, em setembro de 2002, na chamada “guerra contra o terrorismo”, proposta por George W. Bush, iniciou-se uma série de saques e destruição de bibliotecas iraquianas.

A Biblioteca Nacional de Bagdá foi depredada e incendiada no dia 13 de abril de 2003, e continuou fumegando pelas próximas 48 horas. O “Palácio da Sabedoria”, como era chamado, havia sido, desde sua construção, há 43 anos, depósito de tesouros de valor incalculável.

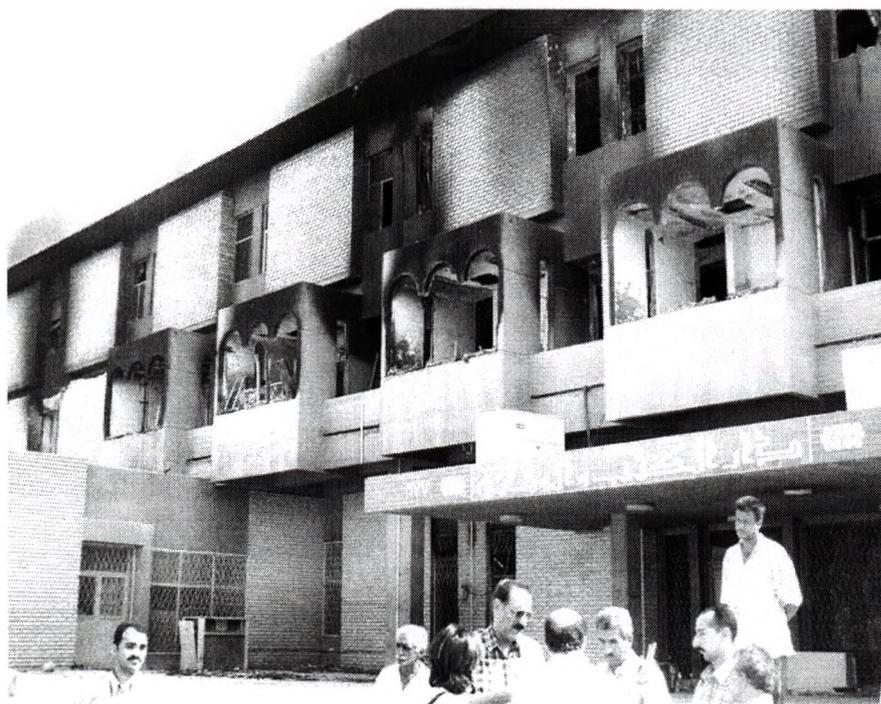


Figura 12 - Fachada da Biblioteca Nacional iraquiana após o ataque

Cerca de um milhão de documentos, dentre eles livros, mapas, fotos, microfilmes e arquivos que incluíam antigos exemplares do Alcorão, bem como o primeiro periódico editado no Iraque, a revista Al Zaura, em 1869, em língua persa - foram roubados ou queimados. Algumas das obras raras perdidas eram datadas de 7.000 anos atrás e continham dados sobre uma das maiores conquistas da humanidade: a invenção da escrita.

"Envergonho-me de ser iraquiano. Não me lembro de tal barbaridade desde os tempos dos mongóis", disse o diretor da instituição, A Quasay, enquanto caminhava pelo chão ainda quente da biblioteca, que recebia diariamente cerca de 100 usuários.



Figura 13 - Restos de material danificado durante o ataque

As obras que sobreviveram intactas ao ataque foram saqueadas. Exceto o velho catálogo de fichas da biblioteca, que escapou das chamas, nada restou da biblioteca, apenas o próprio prédio, que não veio ao chão, ficando apenas suas paredes chamuscadas pelo fogo.

"Essa foi a melhor biblioteca do Iraque, dizia o músico Raad Muzahim, em declaração ao jornal Capital City, diante de pilhas de papel totalmente desorganizadas, na sala de periódicos. "Lembro-me de quando vinha aqui, na época

em que era estudante. Os funcionários eram agradáveis, ajudando os estudantes a fazerem suas pesquisas e escreverem seus trabalhos”, dizia Raad.

Além da Biblioteca Nacional, outras foram atingidas. A Biblioteca Islâmica de Bagdá foi destruída em 16 de abril de 2004. O prédio foi incendiado e saqueado durante a madrugada. Exemplos milenares do Alcorão desapareceram para sempre.

No Museu Nacional de Antigüidades do Iraque, um dos mais importantes do mundo, não sobrou quase nada. Os saqueadores invadiram galerias, destruíram câmaras mortuárias e roubaram peças datadas de 5 mil anos atrás.

Não se sabe ao certo de quem seria a responsabilidade pelos saques e destruição das bibliotecas iraquianas. A imprensa norte americana culpa os próprios iraquianos pelo início dos ataques. No entanto, diante de uma guerra, em que existem sempre versões diferentes para cada uma das partes envolvidas, torna-se difícil culpar um lado ou outro.

Pesquisadores e colecionadores de arte norte-americanos acusam o governo de George W. Bush de omissão. O Pentágono foi avisado de que o patrimônio bibliográfico e arqueológico do Iraque corria perigo e nada fez para protegê-lo. Os Estados Unidos agora se comprometem a liderar o trabalho para recuperar pelo menos parte do material que foi perdido através de saques.

13. CONCLUSÃO

Os livros tiveram, ao longo dos tempos, um grande número de inimigos: terremotos, fungos, incêndios acidentais. E, além desses agentes naturais de destruição, o livro foi, em muitas ocasiões, destruído pelo seu próprio criador: o homem. “Aquele que mata um bom livro mata a própria razão”, já dizia John Milton em seu ensaio *Da Aeropagítica*, escrito bem antes da absurda destruição de livros vista durante o século XX.

Os livros foram vistos, nas guerras e revoluções do século passado, como fortes inimigos que deveriam ser combatidos e destruídos. Por meio do extermínio do pensamento escrito e cultura, líderes autoritários acreditavam eliminar a memória de uma nação e, dessa maneira, murchar a auto-estima da população civil, o que enfraqueceria a possibilidade de resistências armadas.

Essa prática é perceptível no que diz respeito ao descaso das autoridades norte-americanas com a Biblioteca de Bagdá, depredada após a tomada do país, ou ainda durante a invasão alemã da Polônia, com a absurda destruição de praticamente todo o patrimônio bibliográfico polonês.

Mesmo quando se trata de conflitos internos pela tomada de poder, se tem mais uma vez o extremismo levado as ultimas como no caso da Revolução Cultural Chinesa em que milhares de jovens ensandecidos pela filosofia de Mao Tse-Tung decidem destruir tudo que fora produzido por seus ancestrais. Ou ainda, quando na Alemanha de Hitler, todas as obras estrangeiras eram queimadas, inclusive por bibliotecários, no sentido de exaltar ao máximo o Estado e o nacionalismo cego.

Um livro é criado individualmente, a partir das idéias de uma pessoa ou um pequeno grupo. Mas, a partir do momento que o livro for publicado e, finalmente,

estiver nas estantes de uma biblioteca, torna-se patrimônio público, e então seu poder aumenta substancialmente.

Daí vem o temor que os líderes de regimes autoritários tem com relação às bibliotecas. O conhecimento guardado nelas pode inflamar a nação a ponto de acabar com a manipulação imposta pelos regimes e enfraquecê-los até que se tornem fracos demais para que seus propósitos sejam atingidos.

As causas para a destruição das obras levam em conta vários fatores. Dentre eles, o conflito de ideologias, como foi observado durante a queima de livros na Alemanha, quando todas as obras marxistas foram queimadas em praça pública; o nacionalismo, como aconteceu na destruição da Biblioteca Nacional de Sarajevo, numa tentativa de limpeza étnica da Bósnia, considerada a mais diversificada etnicamente de todas as repúblicas iugoslavas; o racismo, com a queima de autores judeus na Alemanha nazista; o conflito religioso, como aconteceu no Tibet, com a destruição de valiosas obras por radicais comunistas chineses; ou apenas um sentimento de vingança, que foi o que provavelmente aconteceu quando a Biblioteca de Louvain foi destruída pela segunda vez.

14. BIBLIOGRAFIA

50 anos de comunismo. **Educaterra**. Disponível em:

<http://educaterra.terra.com.br/almanaque/historia/china_1.htm>. Acesso em: 01 dez. 2004.

ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, FAPESP, 2000.

Appendix E: bannings and burnings in history. In: **BOOK AND PERIODICAL**

COUNCIL, Freedom to Read Kit, 2000, Canada. In: Disponível em:

<<http://www.freedomtoread.ca/kits/2000/html/page21.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2004.

BARBEIRO, Heródoto. **História geral**. São Paulo: Moderna, 1976. 454 p.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003. 238 p.

BLAZINA, Vesna. Libraries are not for Burning: International Librarianship and the Recovery of the Destroyed Heritage of Bosnia-Herzegovina. **International Journal of Special Libraries**, v. 30, 1996, p. 82-91.

BLAZINA, Vesna. Mémonicide ou la purification culturelle: la guerre contre les bibliothèques de Croatie et de Bosnie-Herzégovine. **Documentation et bibliothèques**, Paris, v. 42, 1996, p. 149-164.

BUTUROVIC, Amila; C., Irvin; RIEDLMAYER, Andras. Schick. 1995. **Fighting the destruction of memory**: a call for an Ingathering of Bosnian Manuscripts. 1 p.

Disponível em: <<http://www.applicom.com/manu/ingather.htm>>. Acesso em: 14 out. 2004.

CABRAL, João de Pina. Semelhança e verossimilhança: horizontes da narrativa etnográfica. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, abr. 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132003000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 dez. 2004.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, idéias malditas**: o Deops e as minorias silenciadas. São Paulo : Ateliê : Fapesp, 2002.

CHINA: as quatro gerações. **Educaterra**. Disponível em:

<<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/atualidade/2002/11/19/000.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2004.

COELHO, Marcos Amorim. **Geografia geral**: o espaço natural e sócio econômico. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1996. (Série Sinopse). 320 p.

DARNTON, Robert. **Vandalismo em Bagdá**. Disponível em:

<<http://www.jornaldaciencia.org.br/detalhe.jsp?id=9500>>. Acesso em: 14 out. 2004.

DAWIDOWICZ, Lucy S. **The war against the jews: 1933-1945**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

DOSA, Marta L. **Libraries in the political scene**. Westport, CT: Greenwood, 1974.

FARIA, Ricardo de Moura, MARQUES, Ahemar Martins. **História**. Belo Horizonte: Lê, 1997. 3 v. 460 p.

FISK, Robert. Censura no Iraque. **Círculo bolivariano de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.unidadepopular.org/fisk7.htm>>. Acesso em: 01 dez. 2004.

FLIPPO, Hyde. "**Erich Kästner: the unknown famous author**". Disponível em: <<http://german.about.com/homework/german/library/weekly/aa112999a.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2004.

GERMAN PROPAGANDA ARCHIVE. "**Nazi Propaganda by Joseph Goebbels 1933-1945**". Disponível em: <<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/goebmain.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2004.

GEWERTZ, Ken. Librarians Riedlmayer and Spurr honored for work in Sarajevo. In: **The Harvard University Gazette**, 31 out. 1996.

HERRMAN, Wolfgang. "**Prinzipelles zur Säuberung der öffentlichen Bücherein**." *Börsenblatt für den deutschen Buchhandel* 100 (16 May 1933): 356-358.

HERRMAN, Wolfgang; SCHUSTER, Wilhelm. "**Erklärung und Aufruf**". Hefte für Büchereiwesen 10 (1932/33)

HILL, Leonidas. "The nazi attack on un-german literature, 1933-1945," In: ROSE, Jonathan. **The holocaust and the book**. Massachusetts: Amherst / Univ. of Massachusetts, 2001.

HISTORY in depth: the holocaust. In: **Davenport Public Library website**. Disponível em: <<http://www.davenportlibrary.com/ref/hist/hid/histhidholo.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2004.

HOCHHUTH, Rolf. "**Verbrannte Bücher: Verbrannte Menschen. Überlegungen zur Bucherverbrennung**". In: **Die Zeit**, 20 May 1943.

HOLOCAUST MEMORIAL COUNCIL (USA). **Nazi book burnings and the american response**. Washington, D.C.: United States Congress, United States Holocaust Memorial Council, 1988.

HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM (USA). **Holocaust Memorial Museum website**. Disponível em: <<http://www.ushmm.org>>. Acesso em: 24 nov. 2004.

JACKSON, Holbrook. **The fear of books**. New York: C. Scribner's Sons, 1932.

JAPÃO impõe censura à imprensa. JB online, São Paulo, 17 jan. 2004. Disponível em:

<<http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/internacional/2004/01/16/jorint20040116002.htm>
 |>. Acesso em: 01 dez. 2004.

KEENEY, Philip O. "Japanese libraries are war-damaged". In: **Library Journal**, v. 73, n. 9, may 1948. p. 681-684, 698.

KNUTH, Rebecca. "Booking and issues of evil". In: PERSPECTIVES ON EVIL AND HUMAN WICKEDNESS CONFERENCE, 3., 2002, Prague, Czechoslovakia.

Proceedings... Prague, Czechoslovakia: Anglo-American College, 2002. Disponível em: <<http://www.wickedness.net/knuth.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2004.

KNUTH, Rebecca. "**Libricide**: the regime-sponsored destruction of books in twentieth century". New York: Praeger, 2003. 296 p.

LIVROS proibidos. In: LYONS, Martin; LEAHY, Cyana. **A palavra impressa**: histórias da leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999, p. 128.

LORKOVIC, Tatjana. National Library in Sarajevo destroyed: collections, archives go up in flames. In: **American Libraries**, v. 23, n. 9, p. 736, 816

MANN, Erika; MANN, Klaus. **Escape to life**: Deutsche Kultur im Exil. Munich: Spangenberg, 1991.

MARRUS, Michael Robert. **The holocaust in history**. Hanover, NH: Brandeis University, 1987.

MOSSE, George L. **Nazi Culture**: intellectual, cultural and social life in the third reich. New York: Grosset & Dunlap, 1966.

NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION (USA). **Holocaust-Era Assets**: records and research at the national archives and records administration. Disponível em: <http://www.archives.gov/research_room/holocaust_era_assets/>. Acesso em: 14. out. 2004.

NIE wieder Faschismus und Krieg: die Mahnung der faschistischen Bücherverbrennung am 10. Mai 1933. Berlin: Humboldt-Universität zu Berlin, Gesellschaftswissenschaftliche Fakultät, 1983.

PADILHA, Ivan. Sugestão perigosa. **Época**, São Paulo, n. 221, 12 ago. 2002. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT363245-1663,00.html>>. Acesso em: 23 dez. 2004.

PEREZ DE CRUET, R.H. **The holocaust project**: a multimedia chronography. Disponível em: <<http://www.humanitas-international.org/showcase/chronography/timebase/timebase.htm#timebase>>. Acesso em: 24 nov. 2004.

PHILLIPS, Zlata F. Libraries are Devastated in War-Torn Croatia. In: **American Libraries**, v. 23, 1992, p. 209.

PHOTOS: the nazification of Germany, 1933-39. In: **A teacher's guide to the holocaust**. Disponível em:

<<http://fcit.coedu.usf.edu/holocaust/resource/gallery/NR1935.htm>>. Acesso em: 14 out. 2004.

PLATHE, Axel. 1996. Assistance Programme for the Revival of the National and University Library of Bosnia and Herzegovina. **UNESCO**, Paris, 1996. Disponível em: <<http://www.unesco.org/webworld/sarajevo/library.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2004.

REVOLUÇÃO Cultural na China mexeu com a estrutura política do país. Disponível em: <http://www.unificado.com.br/calendario/04/rev_cultural.htm>. Acesso em: 01 dez. 2004.

RIEDLMAYER, Andras. Libraries are not for burning: international librarianship and the recovery of the destroyed heritage of Bosnia and Herzegovina. In: IFLA COUNCIL AND GENERAL CONFERENCE, 61., 1995, Istanbul, Turkey.

Proceedings... Istanbul, Turkey: IFLA, 1995. Disponível em:

<<http://www.ifla.org/IV/ifla61/61-riea.htm>>. Acesso em: 14 out. 2004.

RIEDLMAYER, Andras. **The Louvain Library in Belgium**: depoimento.

Entrevistador: Enes Kujundzic. Boston Public Library, 21 out. 1994. Disponível em <<http://www.applicom.com/manu/ingather.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2004.

ROSE, Jonathan. **The holocaust and the book**: destruction and preservation.

Amherst: University of Massachusetts, 2001.

SAUR, K. G. General resolution on the destruction of libraries in Croatia, and Bosnia-Herzegovina. In: IFLA COUNCIL AND GENERAL CONFERENCE, 59., 1993, Barcelona. **Proceedings...** Barcelona: IFLA, 1993. p. 83-84.

SENE, Eustáquio de. **Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização.** São Paulo: Scipicione, 1998. 503 p.

SENEVIRATNE, Jayantha. The reconstruction of the Jaffna library. In: **Daily News**, 30 jan. 2002.

SPURR, Jeffrey B. Bosnian libraries: their fate in the war and responses to it, with lessons for Iraq. In: COLLEGE ART ASSOCIATION ANNUAL CONFERENCE, 1., 2004, Seattle, Washington. **Anais...** Seattle, Washington: Harvard University, 2004. Disponível em: <http://oi.uchicago.edu/OI/IRAQ/mela/CAA_Spurr.htm>. Acesso em: 14 out. 2004.

STEIG, Margaret. **Public librarianship in nazi Germany.** Tuscaloosa: University of Alabama, 1992.

STERN, Guy. **The burning of books in Nazi Germany: the American response.** Disponível em: <<http://web.isp.cz/jcrane/burning.html>>. Acesso em: 19 out. 2004.

STROTHMANN, Dietrich. **Nationalsozialistische Literaturpolitik: ein Beitrag zur Publizistik im Dritten Reich.** Bonn: H. Bouvier, 1968.

WALBERER, Ulrich. 10. Mai 1933: **Bücherverbrennung in Deutschland und die Folgen. Frankfurt am Main:** Fischer Taschenbuch Verlag, 1983.

YAHIL, Leni. **The holocaust the fate of european jewry, 1932-1945.** New York: Oxford University, 1990.

15. ANEXO A - PRINCÍPIOS GERAIS PARA A COMPILAÇÃO DE LISTAS NEGRAS

Wolfgang Herrman

De um texto datilografado no Bundesarchiv Koblenz
Reimpresso na Bücherverbrennung: zum 10. Maio de 1993 por Gehard Sauder.

1. Os modelos para a compilação de listas negras são de uma natureza político-literária. A questão fundamental, necessária para qualquer decisão política aplica-se também aqui: quem é o real inimigo? Contra quem direcionamos nossa luta?
2. Nossa luta é contra o enfraquecimento do nosso modo inerente de pensar e de viver. É contra a "literatura de asfalto" que é escrita, predominantemente, para o residente urbano, de modo a confirmar e fortalecer seu distanciamento do seu ambiente – do seu povo, de qualquer comunidade, e que rompe completamente com suas raízes. Essa é a literatura do niilismo intelectual.
3. Esse tipo de literatura possui predominantemente, embora não exclusivamente, autores judeus. No entanto, nem todo autor judeu é um escritor de Asfalto. Por exemplo, a crítica do sionista E. Ben-Gurion acerca dos judeus assimilados representa princípios de um povo judeu.
4. Nem todo autor russo é culturalmente um bolchevique. Dostoievski e L. Tolstoi não pertencem ao índice. Novas aquisições de autores russos não são necessárias, assim como não é necessário destruir todos os novos livros russos. (Por exemplo: Fadejew, Tarassow-Rodinow)
5. Como regra, recomenda-se reter uma cópia, até mesmo dos livros mais perigosos, nas estantes envenenadas da grande cidade e das bibliotecas das universidades, aguardando a próxima advertência com os literatos de "asfalto" e os marxistas.
6. Tecnicamente, a limpeza deveria ser feita em etapas. Novas aquisições deveriam depender do preenchimento das lacunas resultantes com a literatura alemã.
7. Livros que forem bloqueados pela verificação das saídas podem praticamente ser divididos em três grupos:
 - O grupo 1 é para ser destruído (Auto da fé), por exemplo, Remarque.
 - O grupo 2 vai para a estante envenenada (por exemplo, Lênin).
 - O grupo 3 contém casos dúbios, que requerem futuras avaliações quanto a pertencer ao grupo 1 ou ao grupo 2 (por exemplo, Traven)
8. Mais importante que a limpeza é o acúmulo de posses de acordo com a nova Alemanha.
9. A construção de posses nacionalistas e socialistas definitivamente não inclui os bibelôs patrióticos. Listas negras estão sendo compiladas de trabalhos assim. Exemplos de bibelôs patrióticos: P. O. Höcker, P. Hoch!

16. ANEXO B – DISCURSO DE JOSEPH GOEBBELS DURANTE A QUEIMA DE LIVROS EM BERLIM, EM 10 DE MAIO DE 1933.

A Associação dos Estudantes Alemães das universidades de Berlim se reuniu ontem na *Hegelplatz* e então, levando consigo diversos carregamentos de 25.000 livros e escritos que desabonam o espírito do povo alemão, marcharam até a *Opernplatz* onde, em um ato simbólico, atiraram esses escritos às chamas de uma fogueira.

Milhares e milhares de espectadores quiseram testemunhar esse espetáculo.

Bem antes do começo do evento, a *Opernplatz* foi cercada por uma grande multidão. À sua chegada, os estudantes, marchando em formação, foram saudados pela multidão com um estrondoso “*heil*” e cumprimentos.

“Contra luta de classe e materialismo; pela comunidade do povo e por uma forma idealista de vida”.

Então, o ministro do Reich, Dr. Goebbels falou: “O tempo do extremo intelectualismo judeu chegou ao fim e a revolução alemã abriu novamente o caminho para a verdadeira essência de ser alemão. Essa revolução não começou no topo, ela estourou da base para cima. Ela é, por essa razão, no melhor sentido da palavra, a expressão da vontade do povo do povo”.

Lá, estão lado a lado, o operário e o burguês, o estudante e o soldado e o jovem trabalhador, aqui estão lado a lado, os intelectuais e o proletariado.

“Durante os últimos quatorze anos, vocês, estudantes, tiveram que sofrer com silenciosa vergonha, as humilhações da República de Novembro¹, suas bibliotecas foram inundadas pelo lixo e imundície do literato “de asfalto” judeu”.

“Enquanto o estudo se isolou gradualmente da vida real, a jovem Alemanha estabeleceu novas condições no nosso sistema legal e normalizou nossa vida”.

“O movimento que, no passado, atacou o Estado, agora penetrou no Estado, na verdade, ainda mais que isso, ele se tornou o Estado. E com isso, o espírito alemão alcançou possibilidades bastante diferentes de efetividade. O Tempo, o *Élan* e a energia revolucionários que foram experienciados pela juventude alemã durante os anos passados se tornaram agora o Tempo e *Élan* de toda a nação”.

“Revoluções genuínas não se detêm em fronteiras. Nenhuma área deve permanecer intocada. Assim como revolucionam pessoas, revolucionam coisas”.

“Portanto, vocês estão fazendo a coisa certa no que vocês, nessa meia noite, se rendem às chamas do espírito maligno do passado. Ali, a base intelectual da República de Novembro está arrasada. Mas dos destroços surgirá a Fênix de um novo espírito, um espírito que nós carregamos, que nós nutrimos e ao qual damos decisivo valor”.

“Acredito que jamais houve um grupo de jovens estudantes com razão para se orgulhar de sua vida, de suas tarefas e de seus deveres. Os homens jovens nunca antes tiveram motivo para exclamar com *Ulrich von Hutteng*²: “Ó século, Ó Ciências, é uma alegria estar vivo!”

“As barreiras que nos separavam estão destruídas. O povo está reunido com o povo. E se os mais velhos não entendem isso - nós, os jovens já completamos o processo”.

“O passado jaz em chamas; os novos tempos surgirão da chama que queima em nossos corações. Onde quer que estejamos juntos, onde quer que marchemos juntos, queremos dedicar-nos ao *Reich* e seu futuro”.

“Como fizemos, tão freqüentemente, enquanto ainda estávamos lutando na oposição, agora que nós detemos o poder e com sua responsabilidade, nós nos juntamos no voto que prévia e freqüentemente prometemos ao céu noturno”.

“Iluminado por muitas chamas, deixe-o ser um juramento! O *Reich* e a nação e o nosso líder Adolf Hitler *Heil!*”.

A música Horst-Wessel³ estrondeia e as chamas ainda estão estalando enquanto pilhas e pilhas de escritos subversivos judeus são atiradas nelas. Com essa demonstração, a luta contínua contra a mente não-alemã começou. Esse batalha não vai cessar até que todos os alemães voltem-se novamente ao ideário alemão.

1. A República de Weimar, NT.
2. Autor alemão, 1488-1523, NT.
3. Hino oficial do partido nazista. NT.

17. ANEXO C – PRINCÍPIOS PARA A LIMPEZA DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Herrman, Wolfgang

[Lista de autores e livros proibidos na Alemanha nazista]]

Anthologie jüngster Lyrik

Anthologie jüngster Prosa

Asch, Nathan

Asch, Schalom

Babel: Budjonnys Reiterarmee

Barbusse, Henri

Barthel, Max: Die Mühle zum toten Mann

Becher, Johannes

Beer-Hofmann, Richard

Birkenfeld, Günther

Bley, Fritz: alles außer: Tier- und Jagdgeschichten

Bobinskaja, Karbunauri

Bogdanow: Das erste Mädel

Bonsels: alles außer: Biene Maja, Himmelsvolk, Indienfahrt

Braune: Mädchen an der Orga Privat

Brecht, Bert

Breitbach: Rot gegen Rot

Brod, Max: alles außer: Tycho Brahe

Brück, Anita: Schicksale hinter Schreibmaschinen

Carr, Robert

Doebelin, Alfred: alles außer: Wallenstein

Dos Passos

Dreißig neue deutsche Erzähler

Dreißig neue Erzähler des neuen Rußlands

Ebermayer: Die Nachin Warschau

Edschmid, Kasimir: alles außer: Timur, Die 6 Mündungen

Ehrenburg : alles außer: Grachus Barboeuf

Essig, H.

Ewers, H. H.: Vampir, Alraune

Felden, Eines Menschen Weg

Feuchtwanger, Lion

Fink, Georg

Frank, Leonhard: alles außer: Räuberbande, Ochsenfurter Männerquartet

Frey: Pflasterkästen

Geist, Rudolf

Gladkow, Fjodor

Glaeser, Ernst

Goll, Iwan

Gorki: Der Spitzel, Märchen d. Wirklichkeit, Eine Beichte, Wie ein Mensch geboren ward, Das blaue Leben

Graf, Oskar Maria: alles außer: Wunderbare Menschen, Kalender-geschichten

Gruenberg, Karl

Hašek, Jaroslav

Hasenclever, Walter

Hemingway: In einem andern Land

Hermann, Georg: Kubinke, Schnee, Die Nacht des Dr. Herzfeld
Hirsch, Vorbestraft, Kaiserwetter
Hofbauer, Der Marsch ins Chaos
Hoffmann: Frontsoldaten
Holitscher, Arthur
Hotopp, Albert
Inber, Vera
Jacob, Heinrich Eduard: Blut und Zelluloid
Jiff: 12 Stühle
Jiles, Bela
Johannsen: Vier von der Infanterie
Kallinikow, Josef
Kästner, Erich: alles außer: Emil
Katajew
Kaus, Gina
Kellermann: Der 9. November
Kerr, Alfred
Kesten
Keun, Irmgard
Kisch, Egon Erwin
Klaeber, Kurt
Koeppen: Heeresbericht
Kollontay, Alexandra
Kurtzig, Dorfjuden
Kusmin
Lampel, Peter: nur: Verratene Jungen, Revolte im Erziehungsheim
Leidmann, Eva
Leitner, Hotel Amerika
Leonow: Aufbau
Lernet-Holenia: außer: Gedichte
Lewinsohn: Das Erbe im Blut
Lhatzko
Libedinsky: Jurij
Lidin, Wladimir
Lipmann, Heinz
Linck: Kameraden im Schicksal
London: Martin Eden, Zwangsjacke, Eiserne Ferse
Ludwig, Emil
Mann, Heinrich
Mann, Klaus
Meyer-Eckhard: nur: Das Vergehen des Paul Wendelin
Meyrink
Michael, F.: Die gutempfohlene Frau
Neumann, Robert: alles außer: Mifremden Federn
Newerow
Ognjew
Olbracht, Iwan
Ottwalt, Ernst
Panferow
Pantelejew

Pinthus, Kurt
Plievier
Regler
Remarque, Erich Maria
Renn, Ludwig: nur Nachkrieg
Ringelnatz
Roth
Rubiner, Ludwig
Rümann
Sanzara
Schäffer: Elli oder die sieben Treppen
Schirokauer, Alfred
Schlump
Schnitzler, Arthur: alles außer: Der Weg ins Freie
Schroeder, Karl
Seghers, Anna
Sejfullina: alles außer: Der Ausreißer
Sinclair, Upton
Sochaczewer, Hans
Sostschenko, Michael
Seraphimowitsch: Der eiserne Strom
Ssologub, Fjodor
Suttner, Die Waffen Nieder
Tetzner: Haus Urian
Thomas, Adrienne
Tokunga
Toller, Ernst
Traven: Regierung, Der Karren
Tucholsky, Kurt
Türk
Ullitz: Ararat, Worbs, Testament
Unruh: alles außer: Offiziere, Louis Ferdinand
Vanek, Karl
Wassermann, Jakob
Wedding, Ede und Unku
Wegner, Armin T.
Weiskopf
Werfel: alles außer: Barbara, Verdi, Tod des Kleinbürgers
Woehrle: Querschläger
Zweig, Arnold
Zweig, Stefan

18. ANEXO D - DOZE TESES CONTRA O ESPÍRITO NÃO ALEMÃO: UMA CAMPANHA DE PROPAGANDA DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES ALEMÃES

(Doze *slogans* de queima de livros) como impresso no *Völkischer Beobachter* em 14 de abril de 1933.

A Associação de Estudantes Alemães (sede de Imprensa e Propaganda) está conduzindo uma campanha chamada “Contra o Espírito Não Alemão” entre doze de abril e dez de maio de 1933.

A mente judia, revelando-se na sua maliciosa e irrefreável agitação por todo o mundo e já tendo penetrado na literatura alemã, deve ser erradicada junto com todo liberalismo.

Contudo, a Associação de Estudantes Alemães quer fazer mais do que somente bradar protestos vazios; ela quer um retorno consciente aos valores inerentes ao povo alemão. Esses valores estão definidos aqui nessas doze propostas, que serão publicadas a 13 de abril.

1. A Língua e a Literatura têm suas raízes no povo. É responsabilidade do povo alemão assegurar que sua língua e literatura sejam expressão pura e não adulterada das tradições do povo.
2. No presente, há um abismo entre a literatura e a tradição alemã. Essa situação é uma desgraça.
3. A pureza da língua e da literatura é sua responsabilidade. Seu “Povo” confiou a fiel preservação da sua língua.
4. Nossos maiores inimigos são os judeus e aqueles que são seus escravos.
5. Um judeu só consegue pensar em hebraico, se ele escreve em alemão, está mentindo. O alemão que escreve em alemão mas não pensa em alemão é um traidor, o estudante que fala e escreve em língua não alemã é, além disso, desajustado e abandonou suas incumbências.
6. Nós desejamos erradicar as mentiras, queremos denunciar a traição, queremos pra nós, estudantes, instituições de disciplina e educação política, não desregramento.
7. Nós queremos considerar os judeus como estranhos e queremos respeitar as tradições do povo. Então, exigimos do censor: Escritos judeus sejam publicados em hebraico; Se aparecerem em alemão, devem ser identificados como traduções; Ações mais severas contra o abuso ao escrito alemão; Documentos alemães só estão disponíveis aos alemães; O espírito não alemão seja erradicado das bibliotecas públicas.
8. Exigimos dos estudantes alemães o desejo e a capacidade para conhecimento e decisões independentes.
9. Exigimos dos estudantes alemães o desejo e a capacidade de manter a pureza da língua alemã
10. Exigimos dos estudantes alemães o desejo e a capacidade de superar o intelectualismo judeu e a resultante decadência liberal no espírito alemão.
11. Exigimos a seleção de estudantes e professores de acordo com sua confiança e compromisso para com o espírito alemão.
12. Exigimos que as universidades alemãs sejam uma fortaleza da tradição do povo alemão e um campo de batalha, refletindo o poder da mente alemã.

19. ANEXO E – ÍNDICE DE BIBLIOTECAS DESTRUÍDAS DURANTE O SÉCULO XX

1914 Biblioteca da Universidade Católica de Louvain, Bélgica:

- Incendiada por soldados alemães em 25 de agosto. Mais de 300,000 volumes foram perdidos.

1932 Biblioteca da Universidade de Valência:

- Seriamente danificada pelo fogo durante a Guerra Civil Espanhola.

1937-1945 Destruição de Bibliotecas na China, durante a Guerra Sino-Japonesa:

- Universidade Nacional de Tsing Hua. 200,000 volumes de uma coleção de 350,000 são destruídos
- Universidade Nan-k'ai. Destruída completamente durante um bombardeio em julho de 1937. Mais de 224,000 volumes destruídos.
- Instituto de Tecnologia de He-peí. Completamente destruída por um bombardeio.
- Faculdade de Medicina de He-peí. Completamente destruída por um bombardeio.
- Faculdade Agrícola de He-peí. Completamente destruída por um bombardeio.
- Universidade de Ta Hsia. Completamente destruída por um bombardeio.
- Universidade de Kuang Hua. Completamente destruída por um bombardeio.
- Universidade Nacional de Hu-nan. Completamente destruída por um bombardeio.

1938-1945 *Tchecoslováquia*

- Após a conferência de Munique, em 1938, muitos livros sobre a Tchecoslováquia e de autores tchecos foram confiscados e muitos deles queimados. Após a ocupação alemã durante a 2ª Guerra, A Biblioteca Nacional e Universitária de Praga perdeu cerca de 25.000 livros. Por todo o país várias obras, muitas delas verdadeiros tesouros históricos, foram destruídos. Estima-se que as perdas tenham chegado a 2.000.000 de volumes.

1939-1945 *Polônia*

Após a ocupação alemã, iniciou-se uma absurda destruição das bibliotecas polonesas.

- Biblioteca de Raczynski: Catálogos e acervo completamente destruídos.
- Biblioteca Nacional, Warsaw - completamente destruída em outubro de 1944, perdeu cerca de 700,000 volumes, incluindo manuscritos e obras raras.
- Biblioteca Militar – 350,000 livros sobre a história da Polônia completamente destruídos.
- Biblioteca do Seminário Teológico Judeu, Lublin – Incendiada pelos alemães. Os livros sobreviventes, cerca de 24,000, foram levados para a Alemanha, sendo que grande parte deles foram posteriormente destruídos em Berlim.

1939-1945 Alemanha

- Biblioteca da Universidade Técnica de Aache – 35.000 volumes destruídos.
- Biblioteca Nacional, Berlim – Cerca de 2 milhões de volumes destruídos.
- Biblioteca da Universidade de Bonn – Cerca de 25% do acervo destruído.
- Biblioteca Municipal de Bremen - 150,000 volumes destruídos
- Biblioteca de Darmstadt – Bombardeada em setembro de 1944, com uma perda total de cerca de 760,000 volumes.
- Biblioteca Municipal de Dortmund – 250,000 volumes destruídos.
- Biblioteca de Dresden – Destruída durante um bombardeio em fevereiro de 1945. Cerca de 300,000 volumes destruídos.
- Biblioteca Municipal de Essen – 75% do acerv, cerca de 130,000 volumes, destruídos.
- Biblioteca Municipal e Universitária de Frankfurt 550,000 livros, 440,000 teses e 750,000 patentes destruídas durante um ataque aéreo.
- Biblioteca da Universidade de Giessen – 90% do acervo completamente destruído.
- Biblioteca da Universidade de Greifswald – 17,000 volumes e 1900 manuscritos perdidos.
- Biblioteca Municipal e Universitária de Hamburgo – Destruído por bombardeios em 1943 e 1944. Dois terços do acervo destruído por bombardeios em 1943 e 1944, totalizando mais de 600,000 volumes.
- Biblioteca Municipal de Hannover – Destruída por bombardeios em 1943 e 1944. Cerca de 125,000 volumes destruídos.
- Biblioteca de Karlsruhe – 360,000 volumes destruídos durante um ataque aéreo em Setembro de 1942.
- Biblioteca Municipal de Kassel - 350,000 de um total de 400,000 volumes destruídos durante um bombardeio em Setembro de 1941.
- Biblioteca Murhardsche, Kassel – 20% do acervo destruído durante um bombardeio em outubro de 1941.
- Biblioteca da Universidade de Kiel – 250,000 volumes destruídos em ataques aéreos em abril de 1942 e maio de 1944
- Biblioteca da Municipal de Leipzig – 175,000 volumes de um total de 181,000 destruídos.
- Biblioteca Municipal de Magdeburg – 140,000 de um total de 180,000 destruídos após um ataque aéreo em setembro de 1944.
- Biblioteca Municipal de München - Atacada 4 vezes entre 1943 e 1945. Cerca de 500,000 volumes destruídos,
- Biblioteca da Universidade de München – Cerca de 350,000 volumes destruídos.
- Biblioteca Beneditina de München – 120,000 volumes destruídos.
- Biblioteca da Universidade de Münster - Cerca de 360,000, 2/3 de seu acervo, completamente destruídos.
- Biblioteca Municipal de Nürnberg – Cerca de 100,000 volumes destruídos.
- Biblioteca de Stuttgart – Bombardeada em setembro de 1944, cerca de 580,000 volumes destruídos.
- Biblioteca da Universidade de Würzburg – Perdeu cerca de 200,000 volumes após um bombardeio.

1940 Estados Bálticos

- Após a ocupação de tropas soviéticas, uma lista de livros proibidos foi publicada na Letônia em Novembro de 1940. Cerca de 4,000 títulos foram proibidos, entre eles obras históricas, políticas e de autores nacionalistas. Muitos desses livros foram retirados de bibliotecas e livrarias na Estônia, Letônia e Lituânia e alguns deles, queimados.

1940-1944 França

- Alsace-Lorraine Essas regiões foram anexadas a Alemanha em 1940. Os alemães apreenderam muitos livros franceses, que foram confiscados e mandados para a Alemanha. As bibliotecas foram obrigadas a aceitar livros alemães para compor seus acervos. Após o fim da guerra, esses livros alemães foram queimados.
- Biblioteca Municipal de Beauvais - 42,000 volumes destruídos.
- Biblioteca Municipal de Caen – Destruída por bombardeios em 1940.
- Biblioteca de Chartres – 23,000 volumes destruídos após um bombardeio.
- Biblioteca Municipal de Dieppe – Completamente destruída por tropas alemãs em agosto de 1944.
- Biblioteca Municipal de Douai - 110,000 volumes de um total de 115,000 destruídos.
- Biblioteca da Sociedade Comercial de Le Havre – Completamente destruída por um ataque aéreo.
- Biblioteca da Reunião Nacional de Paris – 40,000 volumes perdidos, entre eles obras raras.
- Biblioteca Nacional e Universitária de Strasbourg – Parcialmente destruída após um ataque aéreo em setembro de 1944. Cerca de 300,000 volumes, de um total de 800,000, foram destruídos.
- Biblioteca Municipal de Tours – Bombardeada em junho de 1944 e completamente destruída. Cerca de 200,000 volumes perdidos.

1940 Bélgica

- Biblioteca da Universidade Católica de Louvain – Novamente incendiada pelos alemães em maio de 1940 (a biblioteca já havia sido incendiada durante a 1ª Guerra). Cerca de 900,000 volumes perdidos.

1940 Holanda

- Biblioteca da Província de Zeeland – Destruída após um bombardeio alemão. Cerca de 160,000 volumes perdidos.

1940-1944 Itália

- Biblioteca Pública de Milão – 200,000 volumes destruídos.
- Biblioteca da Universidade de Nápoles – Tropas alemãs incendiaram a biblioteca em 1943. 200,000 volumes destruídos
- Biblioteca Nacional, Turin – Seriamente danificada após um ataque aéreo em dezembro de 1942.

1940-1941 Inglaterra

- Biblioteca da Universidade de Bristol – Danificada por ataques aéreos, que destruíram a Biblioteca do Departamento de Anatomia.
- Biblioteca Pública de Coventry – Completamente destruída por ataques alemães, com cerca de 100,000 livros perdidos.
- Biblioteca Central de Liverpool - Completamente destruída por ataques alemães.
- Biblioteca do Museu Britânico – 200,000 volumes destruídos.

1941 Sérvia

- Biblioteca Nacional de Belgrado – Completamente destruída em Abril de 1941 após ataques alemães. 1,300 manuscritos e obras raras destruídas.

1941-1944 União Soviética

- Após a invasão alemã durante a operação Barba-Roxa, estima-se que mais de 100 milhões de livros foram destruídos em bibliotecas soviéticas.

1942-1945 Japão

- Ataques aéreos causaram sérios danos a bibliotecas japonesas, entre elas a Biblioteca do Gabinete de Tóquio.

1944-1945 Hungria

- Durante o cerco a Budapeste, várias bibliotecas foram destruídas entre elas Biblioteca do Instituto Politécnico e da Academia de Ciências.

1944-1945 Romênia

- Cerca de 300,000 volumes de bibliotecas romenas destruídos. A Biblioteca do Instituto Politécnico em Jassy perdeu cerca de 150,000 livros e 4,000 periódicos.

1966-1976 China

- Durante a Revolução Cultural da China, vários livros considerados imorais foram destruídos, as bibliotecas permaneceram fechadas por muito tempo, entre 1966 e 1970. Algumas foram queimadas.

1966 Tibet

- Em 1966, durante a ocupação chinesa no Tibet, soldados da Guarda Vermelha invadiram o principal monastério tibetano e destruíram vários manuscritos raros.

1976-1979 Camboja

- Biblioteca Nacional – Invasão pelo Khmer Vermelho, foi quase que totalmente destruída. Mais de 80% da coleção perdida.

1989 Romênia

- Biblioteca Nacional e Universitária de Bucareste – Durante a revolução de 1989, que acabou com a ditadura de Ceaucescu, cerca de 500,000 livros foram destruídos.

1990 *Kuwait*

- Com a invasão das tropas iraquianas, a maioria das bibliotecas do Kuwait foram queimadas.

1992 *Bósnia*

- Biblioteca Nacional de Sarajevo - 90% do acervo destruído por nacionalistas sérvios, durante a Guerra Civil da Iugoslávia.

Nome do arquivo: monografia.doc
Pasta: D:\tanivia
Modelo: C:\Documents and Settings\julp\Dados de aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: China
Assunto:
Autor: Tanívia P Timbó
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 23/01/2005 16:33
Número de alterações:2
Última gravação: 23/01/2005 16:33
Gravado por: Tanívia P Timbó
Tempo total de edição: 1 Minuto
Última impressão: 24/01/2005 13:41
Como a última impressão
Número de páginas: 87
Número de palavras: 17.963 (aprox.)
Número de caracteres: 102.392 (aprox.)